



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL RURAL  
DE PERNAMBUCO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E  
DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX**

**ERNANDES LUIZ TAVARES DA SILVA**

**O IMPACTO DO MOVIMENTO CANAVIAL NO COTIDIANO DOS (AS)  
TRABALHADORES (AS) RURAIS E DO CORTE DA CANA, DE NAZARÉ DA  
MATA/PE, COMO DESENVOLVIMENTO LOCAL**

**RECIFE  
2018**

ERNANDES LUIZ TAVARES DA SILVA

**O IMPACTO DO MOVIMENTO CANAVIAL NO COTIDIANO DOS (AS)  
TRABALHADORES (AS) RURAIS E DO CORTE DA CANA DE, DE NAZARÉ DA  
MATA/PE, COMO DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFPRE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.

**RECIFE  
2018**

ERNANDES LUIZ TAVARES DA SILVA

**O IMPACTO DO MOVIMENTO CANAVIAL NO COTIDIANO DOS (AS)  
TRABALHADORES (AS) RURAIS E DO CORTE DA CANA DE, DE NAZARÉ DA  
MATA/PE, COMO DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFPRE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Aprovada em 29 de agosto de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário Andrade Leitão  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ao Deus Eterno e Pai Amado. À minha mãe, Maria da Paz Tavares da Silva, companheira e amiga de todas as horas. E ao meu filho, Ezequias Luiz da Silva.

## AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer é uma das mais significantes expressões que o ser humano pode ter. A gratidão resplandece o amor, a união, o respeito, o afeto e o reconhecimento a Deus e ao próximo de qualquer benfeitoria que nos foi e seja feito.

Por isso, meu agradecimento primeiramente será a Deus, pelas oportunidades que tens me concedido, e em especial a esta de me tornar mestre e acima de tudo, conceder-me sabedoria, fé e acreditar que se estou aqui é por força e obra de sua vontade.

À minha mãe, Maria da Paz Tavares da Silva, que mesmo não fazendo parte deste universo acadêmico, é a primeira incentivadora e contribuidora para esta etapa da minha vida.

Ao meu filho, Ezequias Luiz da Silva, que mesmo não entendo absolutamente nada do que requer a academia, contribuiu a sua maneira para que eu continuasse caminhando sempre em frente.

À minha orientadora, prof<sup>a</sup> Dra. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida, pelo exemplo de mulher, mãe, filha e principalmente pessoa dedicada durante todo esse trabalho.

Aos membros da Banca Examinadora de Qualificação, prof<sup>a</sup> Dra. Maria do Rosário de Andrade Leitão e prof. Dr. Luiz Custódio da Silva, pela imensa contribuição e palavras discorridas no decorrer do exame.

Aos amigos da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Renata Sá Carneiro Leão, Denise Siqueira e Bruno Andrade, a quem tenho eterna gratidão e que foram fontes de inspiração na caminhada acadêmica.

Aos professores do Posmex: Betânia Maciel, Paulo de Jesus, Irenilda Lima, Severino Lucena, Rosário Andrade, Maria Luiza Silva Lins e Pires, Aparecida Tenório, Rita Alcântara, Maria Rita Machado.

Aos amigos/irmãos do Posmex: Ariella Dias, Fábio Henrique Cunha de Amorim, Gerlúcio Bezerra Sousa, Taís Paranhos, Simone Ventura, Flaviano Quaresma, Verônica Fox, José Carlos Melo, Nice Lima, Márcia Paraíso, Eudo Jansen, SuellyMaux, Silvana Marpoara, Bruno Melo, Silvana Luna, Patrícia Reis.

A equipe “É o than”, Solange Costa Coutinho, Michelle Pereira da Silva e Jerry João de Lima, além de Denise Marcelino da Silva. Ao amigo/irmão portuga, Paulo Mota Freitas.

A família Canavial: Bárbara Gonçalves, Wanessa Karine, Ederlan Fábio, Afonso Oliveira, Gabriela Alves, todos os Mestres, os (as) integrantes do Movimento Canavial, TT Catalão, Ângelo Filizola, Andréia Lima, Zé Lourenço, Luiz Caboclo, Alexandre Avelozzo.

Ao cineasta e amigo, Lula Magalhães, a quem tenho total gratidão e quem esteve ao meu lado captando as imagens que compõem o documentário “Do Fel ao Mel: Ecos do Movimento Canavial”.

Meus agradecimentos também vão para a amiga e protetora Ana Theodora Monteiro, pelos conselhos, preocupação e torcida para que este projeto seguisse em frente. Shirley Nunes, pelo apoio e Johannes Meijners, o holandês mais brasileiro que conheci.

## **Movimento Canavial**

Um movimento comprometido com a expressão mais plena da arte, além da estética, não é só incentivo ao espetáculo eventual de uma onda passageira (que mesmo em seu vaivém gera energia); pra tocar mais fundo o movimento precisa ser constante, de base, contando com a tradição e lidando com rupturas a ponto de a reinventar e transformar pessoas e ambiente; a partir do canavial, onde o fel do trabalho transmuta-se no mel da brincadeira, quando artista é todo aquele que não se curva ao papel passivo do figurante, dali o movimento gera movimento e cria e recria seu mundo e outros mundos quando dialoga em caminho libertário: pelo canavial o trabalhador fez da arte, artérias, que irrigaram pontos e pontes de cultura - é fonte, meio e instrumento de vida – só possível se o movimento crescer sob a política pública da cultura onde o Estado não impõe modelos, apenas potencializa forças e dispõe ferramentas para que cada um seja quem é na celebração da extraordinária e universal diversidade cultural brasileira.

**TT Catalão – Brasília 23 Julho de 2017**

## RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade compreender o Movimento Canavial, que é uma rede que interliga diversas manifestações culturais nos municípios da Zona da Mata Norte do Estado. Neste caso, a investigação se deu no município de Nazaré da Mata – Pernambuco, objetivando entender os impactos para o Desenvolvimento Local oriundas das ações do Movimento Canavial no cenário social e cultural no cotidiano destes agentes sociais, que sobrevivem do corte da cana de açúcar, trabalho com a agricultura familiar e envolvimento com algumas das manifestações da cultura popular na localidade. O estudo foi desenvolvido a partir dos aspectos teóricos, baseados nos discursos do próprio Gilberto Gil, então Ministro da Cultura no período em que foi lançado o Movimento Canavial, de pressupostos conceituais de Néstor Garcia Canclini (1983), Vicente (2012), Gramsci (1978) e Jesus (2007). A metodologia adotada na pesquisa voltou-se para a análise qualitativa, do qual foram realizadas 10 entrevistas semiestruturadas, com os próprios integrantes: brincantes, produtores culturais, coordenação e presidência do Movimento Canavial, além da observação. O estudo permitiu identificar o impacto do Desenvolvimento Local causado por este Movimento na realidade cultural destes indivíduos.

Palavras chave: Movimento canavial. Cultura popular. Nazaré da Mata. Desenvolvimento Local.

## **ABSTRACT**

The purpose of this research is to understand the Canavial Movement, which is a network that connects diverse cultural manifestations in the municipalities of the Mata Norte Region of the State. In this case, the research was carried out in the municipality of Nazaré da Mata - Pernambuco, aiming to understand the impacts to Local Development from the actions of the Canavial Movement in the social and cultural scenario in the daily life of these social agents that survived the sugar cane cut, work with family agriculture and involvement with some of the manifestations of popular culture in the locality. The study was developed from the theoretical aspects, based on the speeches of Gilberto Gil, then Minister of Culture at the time when the Canavial Movement was launched, with the conceptual assumptions of Néstor Garcia Canclini (1983), Vicente (2012), Gramsci (1978) and Jesus (2007). The methodology adopted in the research turned to the qualitative analysis, of which 10 semi-structured interviews were carried out, with the members themselves: students, cultural producers, coordination and presidency of the Canavial Movement, besides observation. The study allowed to identify the impact of Local Development caused by this Movement in the cultural reality of these individuals.

Key words: Canevial movement. Popular culture. Nazaré da Mata. Local development.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Igreja Catedral Nossa Senhora da Conceição	22
Figura 2. Engenho Junco – Nazaré da Mata	24
Figura 3. Mapa da Zona da Mata Norte de Pernambuco	28
Figura 4. Brincante do Maracatu Águia Dourada	32
Figura 5. Ponto de Cultura realizando uma Oficina em São Luís/MA	36
Figura 6. Ponto de Cultura Canavial e Agência de Projetos	36
Figura 7. Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança	37
Figura 8. Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança	38
Figura 9. Gráfico do Ministério da Cultura	39
Figura 10. Gráfico do Ministério da Cultura	40
Figura 11. Gráfico do Ministério da Cultura	41
Figura 12. Tabelas do Ministério da Cultura	42
Figura 13. Planilha do Ministério da Cultura	43
Figura 14. Galpão de produção açucareira	47
Figura 15. Casarão do Engenho Santa Fé	48
Figura 16. Curso Método Canavial de Produção Cultural	50
Figura 17. Formandos (as) do Curso Método Canavial de Produção Cultural	51
Figura 18. Seminário para o debate de ideias e soluções na produção cultural	53
Figura 19. Movimento Canavial encontrando-se num seminário	53
Figura 20. Movimento Canavial em uma de suas reuniões	57
Figura 21. Movimento Canavial realiza III Conferência em Nazaré da Mata	60
Figura 22. Edilmo Freitas, Mestre Dé, na sede do Maracatu Águia Dourada	66

Figura 23. Caboclo de lança entre o canavial	<b>67</b>
Figura 24. Caboclo de lança apresentando-se no carnaval	<b>69</b>
Figura 25. Entrevista Semiestruturada	<b>71</b>

## **LISTA DE TABELAS**

Quadro 1. Entrevista Semiestruturada	<b>17</b>
Quadro 2. Entrevista Semiestruturada (idades)	<b>71</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
O PROBLEMA DE PESQUISA .....	14
O MÉTODO INVESTIGATIVO: CULTURAS POPULARES COMO CONCEITOS NORTEADORES O MOVIMENTO CANAVIAL NO EPICENTRO DA PESQUISA.....	16
<b>CAPÍTULO 1 - NAZARÉ DA MATA: SUA ORIGEM NA ZONA DA MATA NORTE E IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO CANAVIEIRO</b> .....	20
1.1 A SAGA DOS TRABALHADORES (AS) RURAIS E DO CORTE DA CANA- DE-AÇÚCAR.....	25
1.2 ECONOMIA, CULTURA E TURISMO NA REGIÃO .....	29
<b>CAPÍTULO 2 - PONTOS DE CULTURA: A HORA E A VEZ DAS CULTURAS POPULARES NO BRASIL</b> .....	34
2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS: UMA REALIDADE QUASE DISTANTE NO COTIDIANO DA ZONA DA MATA NORTE .....	41
2.2 ENGENHO SANTA FÉ EM NAZARÉ DA MATA: PONTÃO DE CULTURA CANAVIAL E AGÊNCIA DE PROJETOS CULTURAIS.....	46
<b>CAPÍTULO 3 - O MOVIMENTO CANAVIAL COMO IMPACTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO</b> .....	55
3.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA MUDANDO REALIDADES .....	58
3.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL MOVIMENTANDO A CIDADE DE NAZARÉ DA MATA .....	60
3.3 ESPERANÇA E EMPODERAMENTO NA VIDA DE HOMENS E MULHERES TRABALHADORES (AS) RURAIS E DO CORTE DA CANA .....	63
<b>CAPÍTULO 4 - PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	68
4.1 NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA .....	68
4.2 O UNIVERSO PESQUISADO .....	70
4.3 SUJEITOS PESQUISADOS .....	72
4.4 CARACTERÍSTICAS DIÁRIAS DO COTIDIANO.....	72
4.5 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS .....	74
<b>CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS</b> .....	76
5.1 O MOVIMENTO CANAVIAL EM NAZARÉ DA MATA.....	77
5.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL EM NAZARÉ DA MATA.....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	91
<b>APÊNDICE</b> .....	95

## INTRODUÇÃO

Fazer o registro da cultura brasileira em livros, revistas, Cds, Dvds, além de outras mídias é uma forma de não deixar que sua história se perca na memória do tempo. É fazer com que não fique apenas no imaginário popular ou apenas na realidade de quem o viveu de fato. Trazer o tema da cultura popular para a pesquisa acadêmica é tão prazerosa quanto viver sua essência e raiz cultural, sejam em quaisquer manifestações culturais existente no país. O que neste trabalho será remetido ao Estado de Pernambuco, em especial ao município de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte.

Desta forma, pensando no desenvolvimento deste estudo, cujo objeto de pesquisa abordado é o Movimento Canavial, avaliamos pertinente iniciarmos uma apresentação falando do lugar do problema que envolve o tema; em seguida de que forma se deu a metodologia investigativa e o que de fato fez com que o Movimento Canavial se tornasse o eixo central da pesquisa. O tema faz menção a uma localidade onde efetivamente já existia e ainda permanece viva algumas das manifestações da cultura popular de Pernambuco mencionadas neste trabalho acadêmico, em especial o Maracatu de Baque Solto ou maracatu rural, como muitos se referem.

Estas manifestações culturais no município de Nazaré da Mata tiveram um apoio e melhor reconhecimento a partir do início dos anos 2000, quando foi implantado os Pontos de Cultura no país e especificamente na região, realizando-se no primeiro mandato do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, que teve como gestor na sua pasta de cultura o então Ministro Gilberto Gil e o Secretário de Programas e Projetos Culturais, Célio Turino.

Segundo Gilberto Gil, esses pontos de cultura representam a força e a expressão cultural das comunidades, sendo que para isso houvesse subsídios que promovessem a realização de atividades culturais, ou seja, um estúdio de gravação musical digital, com competência para gravar, realizar uma triagem de CDs e divulgar na internet o que for produzido; produção de vídeo, cinema e tv comunitária, com estúdio de vídeo digital, câmeras, ilha de edição, microfones e malas de luz. Todavia, o ponto de teria subsídio para dança, teatro, leitura, artes visuais, web, entre tantas outras atividades que a comunidade pretender materializar (BRASIL, 2004).

Já para Célio Turino, a procedência do Ponto de Cultura deram-se quando houve a posse do Ministro Gilberto Gil “um do-in antropológico, um massageamento dos pontos vitais da nação”. Desta forma tudo isto, refere-se à Nação, não como um conjunto de estereótipos e

tradições apenas, mas como um organismo vivo que precisa ser alimentado e se manter em equilíbrio (BRASIL, 2004).

Partindo destes pressupostos, é compreensivo que o objetivo do Movimento Canavial é dar a devida valorização, a partir dos cursos do Método Canavial realizados na região, aos artistas, brincantes e produtores culturais do município de Nazaré da Mata. Ensinando o caminho das pedras e a forma de captar recursos financeiros que tornassem a permanência de suas atividades culturais vivas e em ação. Como foi dito pelo Ministro da Cultura, “não se trata de “dar o peixe”, ou de “ensinar a pescar”, mas de potencializar a ação.

Ainda seguindo a ideia do ministro, esse tipo de ação cultural já antigo, sobretudo nas áreas de risco social, nos territórios de invisibilidade, nos grotões e nos guetos das grandes cidades brasileiras, onde são pontos tão fortes que não há nada (miséria, indigência, descaso ou violência) que as silenciem, pelo contrário, crescem, consolidam-se, desdobram-se e interagem com outras manifestações, numa influência direta com a cultura da esfera midiática e nacional (BRASIL, 2004).

## O PROBLEMA DE PESQUISA

O interesse em pesquisar tal assunto, o Movimento Canavial, coletivo de produtores e manifestações artísticas da cultura popular, localizado na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco, começou quando em 2014, trabalhei numa assessoria de imprensa, Agência Brasileira de Branding e Comunicação (ABBC) ou ABBC Comunicação, e na ocasião, tínhamos como um de nossos clientes o grupo musical pernambucano, Quinteto Violado. Na época, o conjunto participava se apresentando do Festival Canavial, evento itinerante que percorreu alguns municípios da referida região e que faz parte da grade de produções culturais do Movimento Canavial.

Ao tomar conhecimento da existência deste Festival, me interessei pelo tema e fui em busca de maiores informações. Haja vista, que durante este período já tinha a pretensão de tentar a seleção do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), na UFRPE. Contactei algumas pessoas ligadas aos músicos do Quinteto Violado até chegar ao produtor cultural e idealizador do Movimento Canavial, Afonso Oliveira. Tivemos um primeiro encontro e conversa em abril de 2015, onde tive a oportunidade de visitar o Engenho Santa Fé, em Nazaré da Mata, local onde funciona o Ponto de Cultura

Canavial, além de conhecer e saber mais de perto sobre tudo o que rege o universo e dimensão do Movimento Canavial.

Foi quando constatei que o Festival Canavial era apenas a ponta de um iceberg de uma produção cultural ampla e extensa, que já vinha existindo há alguns anos entre os municípios que fazem parte da Zona da Mata Norte de Pernambuco, em especial Nazaré da Mata onde tudo começou. Viver de arte e cultura no Brasil é uma das mais difíceis tarefas para aqueles que amam este ofício. E no caso dos trabalhadores (as) do corte da cana-de-açúcar e agricultores (as) rurais a situação nunca foi diferente. Tornando assim a realização e andamento das atividades artísticas um processo lento e sem nenhum apoio financeiro que os permanecessem em total processo de construção das manifestações existentes na localidade.

Desta forma, os estudos acerca da cultura popular neste trabalho, destinam-se a:

- Compreender o Movimento Canavial na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco, e em especial, no município de Nazaré da Mata, lugar onde se deu o início da rede ou coletivo de artistas e produtores culturais, envolvidos nas manifestações culturais da localidade;
- Entender e identificar os impactos para o Desenvolvimento Local no cotidiano destes sujeitos sociais, a partir das ações do Movimento Canavial.

A pesquisa servirá como análise de mais uma ferramenta para o entendimento presente e futuro de ações de políticas públicas aplicadas em realidades antes esquecidas. Sem falar de como essas medidas ajudam na perpetuação das manifestações culturais da região e ainda contribuem para o desenvolvimento e transformações sociais de crianças, jovens e adultos que não tinham outro meio de inclusão para o alcance de seus objetivos.

## O MÉTODO INVESTIGATIVO: CULTURAS POPULARES COMO CONCEITOS NORTEADORES

Nesta etapa serão relatados todos os procedimentos utilizados para a captação de dados que pudessem e fossem necessários para tornar real a realização deste estudo. Tendo em vista que a pesquisa, assim como a revisão literária será baseada em três categorias: culturas populares, políticas públicas e desenvolvimento local.

O desenvolvimento deste trabalho acadêmico percorreu algumas linhas e conceitos à cerca do que dizem às Políticas Públicas Culturais, sob o aspecto de Gilberto Gil, então Ministro da Cultura no período em que foi o criado no Brasil o Programa Cultura Viva<sup>1</sup>. Além de pressuposições teóricas de Néstor Garcia Canclini, Antônio Gramsci, Vicente, sobre Culturas Populares; Paulo de Jesus, no que diz respeito ao Desenvolvimento Local e César Pereira de Mendonça, que traz conceitos sobre os aspectos de Políticas Públicas culturais, analisando o Movimento Canavial na referida região e sem deixar de considerar as mudanças no espaço geográfico (local), a partir de sua inserção, como também as mudanças materiais e sociais na vida dos que fazem parte deste coletivo, em Nazaré da Mata, município escolhido como *locus* deste estudo.

Para tanto, também foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas (tabela abaixo), com integrantes das variadas manifestações artísticas que fazem parte do Movimento Canavial, assim como atores sociais que desempenham tarefas de produção no Movimento Canavial (captação de recursos via editais de financiamento por meio de instituições públicas e privadas), coordenação, direção e outras funções dentro do coletivo.

---

<sup>1</sup>Inaugurado pelo Ministério da Cultura em 2004, na gestão do então Ministro Gilberto Gil. A principal ação do programa Cultura Viva são os Pontos de Cultura, compostos por artistas, grupos e coletivos culturais contemplados pelo programa via editais públicos.

Quadro 1–Entrevista Semiestruturada com integrantes do Movimento Canavial

Entrevistado (a)	Gênero		Faixa etária
	Masculino	Feminino	
I	x	x	Entre 30 e 60 anos
II	x	x	
III	x	x	
IV	x	x	
V		x	
VI		x	
VII			
VIII			

Fonte: Autor (2018).

Durante o processo das entrevistas semiestruturadas (Cf. Apêndice), procurou-se identificar em algumas perguntas qual ou quais benefícios foram alcançados ao longo da existência do Movimento Canavial na realidade destas pessoas. Por meio de uma conversa gravada, os (as) entrevistados (as) relatavam de que forma como chegaram ao Movimento Canavial, os primeiros contatos a partir do curso de produção cultural Método Canavial e as relações de trabalho, renda e permanência no coletivo, para a partir daí verificarmos o Desenvolvimento Local nestes cotidianos, que aconteceu da seguinte forma: dez integrantes pertencentes do Movimento Canavial, moradores do município de Nazaré da Mata ou que fossem naturais da região, mas que ainda pertençam ao coletivo.

Todavia, a técnica de observação foi outra ferramenta utilizada como forma de coleta de dados, que posteriormente eram registrados num diário de campo, que logo após este processo, foram analisados e dialoga com o procedimento da pesquisa científica:

A observação não é apenas uma das atividades mais difusas na vida diária; é também um instrumento básico da pesquisa científica. A observação torna-se uma técnica científica à medida que serve a um objetivo formulado de pesquisa, é sistematicamente planejada, sistematicamente registrada e ligada a proposições mais gerais e, em vez de ser apresentada como um conjunto de curiosidades interessantes, é submetida a verificações e controles de validade e precisão. (SELLTIZ et al. apud RICHARDSON, 1999).

Contudo, a junção de todo este material metodológico aliado ao que foi necessário complementar este trabalho acadêmico, deu o norte certo para que fossem tecidas às devidas considerações finais desta pesquisa.

## O MOVIMENTO CANAVIAL NO EPICENTRO DA PESQUISA

O Movimento ou Método Canavial surge na já mencionada região da Zona da Mata de Pernambuco no início dos anos 2000, durante a primeira gestão do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. O Ministério da Cultura na época, sob o posto do ministro Gilberto Gil, tinha como um dos aliados para isso o surgimento do Programa Cultura Viva, que objetivou a ação denominada Programa Pontos de Cultura, criado pelo historiador paulista e diretor de projetos sociais do Minc, Célio Turino.

O resultado desta ação celebrou a parceria entre instituições reconhecidas socialmente e juridicamente no país, além de ofertar a oportunidade para que grupos e manifestações culturais desenvolvessem projetos e atividades de significativo impacto nas suas localidades de origem. Os sujeitos sociais envolvidos nas diversas atividades ligadas às artes e cultura em geral enxergaram na oportunidade uma maneira muito significativa de reprodução das políticas públicas voltadas ao incentivo cultural nas suas regiões de origem, onde foi possível veem-se representados e representar para os seus pares aquilo que houve de transformação no fazer diário artístico. Contudo, o norte para a idealização e encaminhamento de suas intenções tornou-se mais próxima da realidade vivida por essas pessoas, como bem explana Afonso Oliveira, produtor cultural e idealizador do Movimento Canavial:

Munidos de um termo que logo lhes deu uma identidade, teoricamente tudo ficou mais fácil, porque o objetivo coletivo dos participantes da produção cultural no município era transformar e tornar conhecida a Zona da Mata num canavial de cultura e arte. Para isso, era necessário aperfeiçoar o que já existia e se apropriar das manifestações culturais e artísticas de Nazaré da Mata. Tornando os próprios nazarenos protagonistas e expectadores de sua própria criação artística (OLIVEIRA, 2010, p.75).

Embora o período atual não reconheça e favoreça tanto o setor cultural, mesmo existindo algumas barreiras e dificuldades para sobreviverem da cultura, grande parte destes protagonistas acreditam que o trabalho de resistência gerou resultados favoráveis para as suas realidades atuais. Que a formação em produção cultural abriu caminhos para as possibilidades de concorrer a alguns editais de incentivo, patrocínio e execução de projetos culturais nas suas diversas categorias.

O curso de formação em produção cultural intitulado “Método Canavial introdução à produção cultural” permitiu que todos os participantes saíssem formados e pudessem transmitir este conhecimento adquirido na formação, para os seus pares e demais interessados, que fazem parte de alguma atividade artística cultural. Dessa forma, os caminhos e

mecanismos, mesmo que por caminhos tortuosos e cheios de obstáculos, puderam e podem ser percorridos nesta longa caminhada.

No primeiro capítulo abordaremos a origem do município de Nazaré da Mata, na região da Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco. Como se deu a importância desta localidade no contexto canavieiro, assim como foi estabelecida as relações sociais e de trabalho com os (as) trabalhadores (as) do corte da cana de açúcar. Destacando também o fator econômico, cultural e o turístico da cidade.

Com relação ao segundo capítulo, será explanado o incentivo do Ministério da Cultura no início dos anos 2000, que foi a implantação em alguns locais do país dos Pontos de Cultura. A aplicação desta política pública cultural a partir deste projeto de apoio aos grupos de atividades artísticas e concluindo com o Pontão de Cultura Canavial, localizado no Engenho Santa Fé, em Nazaré da Mata.

Já no terceiro capítulo, falaremos do impacto e o desenvolvimento humano que o Movimento Canavial trouxe a todos os envolvidos nesta ação cultural, bem como os (as) moradores (as) da região, também beneficiados a partir do desenvolvimento local e economia solidária inserida na localidade.

O quarto capítulo trás o caminho percorrido metodologicamente durante a pesquisa, utilização do material para a realização das entrevistas semiestruturadas, sujeitos pesquisados, locus da pesquisa, a caracterização destes sujeitos que estiveram contribuindo para a elaboração deste trabalho e outros.

No quinto e último capítulo desta dissertação ocorre à análise do discurso do conteúdo adquirido durante as gravações nas entrevistas e posteriormente transcritas para serem analisadas. Nesta etapa, foram usados conceitos e teorias que descrevem bibliograficamente análise do discurso.

E por fim, as considerações finais acerca dos achados da pesquisa identificaram durante o desenvolvimento até a sua conclusão final.

## **CAPÍTULO 1 - NAZARÉ DA MATA: SUA ORIGEM NA ZONA DA MATA NORTE E IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO CANAVIEIRO**

A partir do relato contado na obra “Nazaré da Mata – A sua história, o seu povo, a sua alma”, do historiador e advogado, Aderito Hilton, que é natural do município de Nazaré da Mata, conta que Duarte Coelho, sendo o donatário da Capitania de Pernambuco, chegando a denominá-la de Nova Lusitânia, fincou estabelecimento no extremo norte, local que Cristóvão Jacques havia implantado os marcos da posse portuguesa.

Duarte Coelho tinha a pretensão de iniciar uma possessão de agricultores, com o objetivo de dar seguimento ao plantio da cana de açúcar na região e posteriormente, produzir o desenvolvimento agroindustrial açucareiro. Todavia, o lugar não foi o adequado para tal empreitada definitiva da sua colônia. Foi então que decidiu subiro rio Igarassu e chegando nas colinas terciárias e de terreno argiloso, próximo aos Marcos<sup>2</sup>, conseguiu instalar-se e logo em seguida fundou a vila dos Santos Cosme e Damião.

Devido ao forte talento para a administração e um olhar empreendedor acerca da geoeconomia, sua capitania logo alavancou nos negócios, conforme descreve (Hilton apud Viana, 2016): “Entre todos os Donatários é ele o único exemplo de um construtor de nação, o único que conseguiu implantar-se firmemente em seus domínios e legá-los aos seus descendentes como um fundador da dinastia” (Hilton apud Viana, 2016, p. 39).

Mesmo sendo uma sesmaria, que foi doada em junho de 1581, o povoado de origem portuguesa teve seu surgimento somente no século XVIII. A localidade era delimitada ao norte pela foz do rio Santa Cruz e ao sul pela foz do rio São Francisco, abrangendo em torno de sessenta léguas de costa. Tudo isso, estendia-se do interior até a linha imaginária de Tordesilhas. Duarte Coelho fez suas andanças por esses lugares, tendo certas dificuldades em solidificar o lugar de conquista. Após este processo, tratou de desempenhar o domínio usando a constância, precaução e sensatez, para liderar determinadas atividades desempenhadas à agricultura, sofrendo alguns embates com os exploradores de pau-brasil e dos índios nativos da região (Caetés).

Conforme o relato da mesma obra citada acima, a localidade onde instalou-se o município de nome Nazareth, teve inicialmente suas habitações feitas por índios potiguares, que por sua vez, viviam em permanentes embates com os índios Caetés. Segundo os anais da

---

<sup>2</sup>Atualmente pertence ao município de Itapissuma.

história de Pernambuco, a referência a procedência de Nazaré é tida como sendo Sesmaria<sup>3</sup>, tendo ligação do rio Tracunhaém até Ribeiro Grande, passando também por Lagoa Seca.

A referida Sesmaria ganhou o nome de Lagoa d’Anta, pelo fato de sua localização pertencer à margem de uma lagoa e neste local existirem animais identificados como Anta. A doação da Sesmaria aconteceu por meio do Governador da Província na época, José César de Menezes a Manuel Bezerra da Cunha, datado em 18 de junho de 1781.

Em meados do final do século XVIII, a Sesmaria Lagoa d’Anta foi comprada por Urbano Pereira da Silva Júnior e seu então cunhado, João Manuel, dividindo-a em duas partes: o primeiro ficou com a parte norte, que por sua vez construiu os engenhos de Terra Nova, Ventura, Esperança e Teimoso. O segundo ficou com a parte sul, construindo os engenhos Lagoa d’Antas, Macaco (atualmente Santa Fé), Camarazal e Várzea Grande.

## Origem

O povoamento do município de Nazareth começou a existir em meados da segunda metade do século XVIII. De acordo com a obra mencionada acima, “Nazaré da Mata – A sua história, o seu povo, a sua cultura”, D<sup>a</sup> Felipa da Costa Coutinho, que neste período era devota fiel da Virgem Santíssima, fez uma doação no ano de 1804, de uma parte do Engenho Lagoa d’Antas, onde posteriormente formou-se um patrimônio que em seguida foi construída uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição ou como muitos a chamavam, Imaculada Conceição de Nazareth.

Tempos depois, no mesmo local onde foi construído este patrimônio, construiu-se o cemitério e uma outra capela, desta vez dedicada a São Sebastião. Conforme os escritos que circulou na ocasião num veículo de comunicação impressa da cidade, Gazeta de Nazaré<sup>4</sup>, o senhor de nome Manoel Raposo fez a seguinte observação:

Em 24 de abril de 1808 o Capitão Antônio Gomes de Araújo Vasconcelos e sua mulher Da. Maria de Santana e Vasconcelos moradores do engenho Alagoa Dantas, sito na freguesia de Tracunhaém, havido por título de compra à viúva Da. Felipa da Costa Coutinho, sua sogra, casada que foi com o senhor Urbano da Silva Vasconcelos, DOAM a quantia de cento e vinte mil réis, no casco do mesmo engenho Alagoa Dantas Nova, para aumento do patrimônio da nova capela que se pretende edificar, com a mesma invocação de Nossa Senhora da Conceição, na povoação de Nazareth, freguesia de Tracunhaém, termo de Igarassu, Comarca de Olinda (HILTON (2016) apud RAPOSO, 2016, p. 41-42).

<sup>3</sup>Sesmaria – terreno inculto ou abandonado que os reis de Portugal distribuía a colonos ou cultivadores.

<sup>4</sup>Transcrito da Gazeta de Nazaré em 17-07-1943, jornal que circulava a época

Com isso, foi formada uma comissão composta de procuradores militares, com o objetivo de arquitetar uma ermida, para que pessoas que tivessem um alto grau de envolvimento religioso construíssem uma capela onde atualmente existi a catedral.

Acredita-se que: “O fato de Maria Santíssima residir numa cidade da Palestina chamada Nazaré, muitos fiéis acrescentavam-lhe o nome da cidade e a virgem passou a ser “Nossa Senhora da Conceição de Nazaré”<sup>5</sup>.

Figura 1 - Igreja Catedral - Nossa Senhora da Conceição, localizada na Praça João XXIII, antiga Praça João Pessoa.



Fonte: Luiz (2000).

Desde então, o povoado de Nossa Senhora de Nazaré do engenho Alagoa d’Antas foi crescendo e atingindo sua maioria administrativa. No entorno desta comunidade formou-se uma grande área religiosa e de devoção a Virgem de Nazaré. No ano de 1808, o povoamento já era considerado bem regular.

Desta forma, o crescimento alcançado nos últimos tempos fez crescer também o setor administrativo e político. Posteriormente, foi proclamado pelo Conselho de Estado, no dia 17 de maio de 1833, Vila de Nossa Senhora de Nazareth, tendo este sua independência da Vila de Igarassu.

Foi aí que os moradores, que até então, viviam do trabalho no cultivo da terra, criação de animais e da exploração das matas locais, passaram a assumir cargos importantes dentro do

---

<sup>5</sup>ARAGÃO, Mons. José. **Traços do Tempo. Nazaré Igreja no Nordeste**. Recife; Composto e impresso na Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1989. p. 34.

governo, além do legislativo e do judiciário. O Conselho Municipal foi criado para gerenciar a parte administrativa da Vila de Nazareth.

No dia 09 de outubro de 1833, a Vila de Nazareth passou a ter seu território dividido em 14 distritos: Jacu, Tracunhaém, Marotos, Cotunguba, Lagoa do Carro, Angústias, Angélicas, Trigueiro, Laranjeiras, Poço Comprido, São Vicente, Monte Alegre, Pindoba, além da própria sede.

A visão era de que o desenvolvimento econômico, social e político viriam logo em breve Nazareth. Pensando nisso, o Presidente da Província, José Ildefonso de Souza Ramos, elevou a categoria de cidade, que teve sua Lei Provincial nº 258, de 11 de junho de 1850, conferida.

Lei Provincial nº 258 de 11 de junho 1850. José Ildefonso de Souza Ramos, Presidente da Província de Pernambuco. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa decretou e eu sancionei a seguinte Lei: Artigo único: ficam elevadas à categoria de cidade as Vilas de Rio Formoso e Nazaré (HILTON, 2016, p. 44).

Nazaré da Mata é considerado um município brasileiro, situado na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco, Mesorregião da Mata Pernambucana e Microrregião da Mata Setentrional num território fértil, encravado nos vales dos Rios Tracunhaém e Sirigi. Sua área compreende um total de 141,3 Km<sup>2</sup>, com altitude média de 89 metros acima do nível do mar. A distância corresponde a cerca de 70km do Recife.

A riqueza da cidade tem sua origem extraída da terra, ou seja, a agroindústria açucareira foi a base para o desenvolvimento da localidade, fator decisivo para a formação e mantimento de muitas gerações. Também era forte a produção de aguardente em algumas destilarias dos engenhos da região.

Já como forte atrativo econômico e político do município, a produção de açúcar nos engenhos banguês servia de base para o fortalecimento do comércio local, e ao mesmo tempo tinha uma importante influência nos negócios, política e organizações sociais e culturais da localidade.

Figura 2 - Engenho Junco - Nazaré da Mata.



Fonte:

Luiz (2000).

É nesta fase que surgiu a chamada aristocracia rural. Os senhores de engenhos detinham o domínio de toda a situação sobre seus empregados, e desta forma aplicavam ao seu modo toda maneira de justiça, ordem e segurança. Os (as) trabalhadores (as) rurais foram quem contribuíram significativamente para o desenvolvimento local. Também são os responsáveis pelo pioneirismo do processo industrial de Nazaré da Mata e pelas técnicas utilizadas na agricultura, o que caracterizou a intensa influência da aristocracia açucareira, pois o colonizador português trouxe no sangue e na alma o conhecimento agrícola.

O que de acordo com relatos adquiridos na pesquisa fornecidos por Freire (2004) “O sistema patriarcal da colonização portuguesa no Brasil, representado pela casa-grande, foi um sistema de plástica contemporização entre as duas tendências luso-brasileiras”.

Nazaré da Mata teve suas principais atividades de trabalho voltadas ao meio rural, exclusivamente a agricultura. Com isso, a fabricação do açúcar tornou-se a fundamental atividade deste município da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Contudo, o que se produzia no ramo alimentício, comercializava-se apenas os excedentes, tendo em vista a densidade de moradores na cidade, o que fazia com nenhum alimento fosse comercializado em escala internacional, como aconteceu com o açúcar.

Segundo um levantamento feito pelo Presidente da Província de Pernambuco, Manoel Felizardo de Souza e Mello, no ano de 1859, analisando o “estado da agricultura”, Nossa Senhora da Conceição de Nazareth destacou-se com um dos principais exportadores de açúcar do Estado de Pernambuco, produzindo cerca de 600 mil arrobas, espalhados pelos seus 142 engenhos da região.

No ano de 1857, apenas seis famílias detinham o controle 57% do que era produzido no setor açucareiro em Nazaré da Mata. Todavia, esse controle de poucas famílias não permaneceu muito tempo intensa. Isso porque uma mesma família agregava dezenas de núcleos autônomos. Tudo isso foi um fato marcante que colaborou com a indivisibilidade dos engenhos, fazendo com que as negociações destas mesmas famílias politicamente aumentassem o tráfico de escravos na década de 1840. Desta forma, os escravos extraíam os lucros para os senhores de engenhos e produtores de cana-de-açúcar.

A Lei de Terras de 1850<sup>6</sup> deu passagem para que as propriedades fossem legitimadas, podendo desta maneira romper com alguns velhos “acordos” no uso das áreas de engenho que trabalhavam com o beneficiamento da cana-de-açúcar.

### 1.1 A SAGA DOS TRABALHADORES (AS) RURAIS E DO CORTE DA CANA-DE-AÇÚCAR

Cientificamente conhecida como o nome de *Saccharum Officinarum*, a popularmente cana-de-açúcar está entre as seis espécies da família *Saccharum*. Esta alta gramínea tem origem no Sudeste Asiático. A partir de sua extração é possível obter com a fabricação o álcool e o açúcar, através da sacarose depositada em seu caule.

No período em que foram construídos grandes armazéns para depósito de açúcar e a moenda da cana estava em plena proeminência, os senhores de engenho cederam aos trabalhadores do campo e do corte da cana-de-açúcar uma pequena área de sítio, onde muitos desses “beneficiados” acabaram convergindo para o plantio da cana e comércio nas feiras livres.

Tendo uma expressiva plantação no setor canavieiro, Nazaré da Mata tornou-se um importante polo da produção açucareira e dessa forma contribuiu para o desenvolvimento do Estado de Pernambuco, devido ao grande aglomerado de engenhos que possuía. Conforme Cavalcanti e Cunha (2006):

---

<sup>6</sup>Lei Eusébio de Queiróz foi a primeira iniciativa no sentido de organizar a propriedade privada no Brasil.

Duarte Coelho apelou, contrariando empréstimos com banqueiros dos Países Baixos para a instalação de engenhos de açúcar em Pernambuco (Alves, 1982, p.111). Com o lucro, pagou as dívidas, fazendo novos investimentos (CAVALCANTI e CUNHA apud ALVES, 2006, p. 21).

Por outro lado, houveram destruição e degradação no que se refere a todas essas áreas ambientais, objetivando avançar com um produto que no momento estava tão em alta, no caso o açúcar. Para isso, pensou-se apenas nos lucros que viriam futuramente e ignorava-se todo o meio ambiente, como bem afirma Freire (1989):

O canavial hoje tão nosso, tão da paisagem desta sub-região do Nordeste que um tanto ironicamente se chama “a zona da mata”, entrou aqui como um conquistador em terra inimiga: matando as árvores, secando o mato, afugentando e destruindo os animais e até os índios, querendo para si toda a força da terra. Só a cana devia rebentar gorda e triunfante do meio de toda essa ruína de vegetação virgem e de vida nativa esmagada pelo monocultor (FREIRE, 1989, p. 73).

Estes engenhos por sua vez eram a célula básica para que houvesse a produção açucareira, e para tanto, eram considerados o ambiente básico no panorama rural no que dizia respeito às exterioridades econômicas.

De acordo com relato de Hilton (2016), Monsenhor Petronilo cita que:

em 1854 o município tinha o maior número de engenhos, 187. Número superior a Escada com 186 engenhos, que era também dos maiores do Estado. Já em 1914 possuía 147 engenhos a vapor e 42 a animais e alguns poucos movidos à água (HILTON, 2016, p.51).

Os engenhos tornaram-se o local, ou melhor, dizendo, uma comunidade rural, que ao mesmo tempo servia de moradia para as pessoas que ali trabalhavam. Todo esse processo exigia extensa dedicação dos (as) trabalhadores (as) envolvidos na produção do que era vendido no comércio local, como por exemplo: farinha de mandioca, produção de feijão, milho, arroz, dentre outros utensílios, que logo em seguida eram comercializados aos viajantes e tropeiros que passavam na região e se dirigiam ao Sertão e Agreste.

Por outro lado, muitos foram os fatores positivos que influenciaram a produção e o comércio do açúcar. Havia condições climáticas, edáficas, hidrográficas, biogeográficas, além da posição na faixa atlântica mais oriental do Brasil para tal processo. Outro fator que também impulsionou a procura e o trabalho no setor açucareiro foi a constante necessidade de mão-de-obra, o que provocou uma intensa migração de trabalhadores (as) para estas áreas de plantio e colheita da cana, sem contar com a captura e tráfico humano de negros (as), das regiões africanas, sob o domínio dos portugueses.

Para que fosse feito todo o trabalho braçal, usavam-se como trabalhadores uma pequena categoria de agricultores, estes considerados pequenos lavradores, que dedicavam quase que grande parte do dia à lavoura da cana. Tudo isso implicava certo autoritarismo e abuso por parte dos donos e senhores dos engenhos (1975):

Como Tal, ficavam presos e subordinados aos senhores de engenho. Para o seu aparecimento, tudo indica ter havido certa influência da legislação colonial pois o Regimento de Tomé de Souza condicionava a concessão de sesmarias para fundação de engenhos à obrigação de o concessionário receber a cana produzida pelos lavradores (MELO, 1975, p. 35).

Para tanto, o período à época parecia favorecer a legislação, como a preocupação apenas de favorecer o surgimento, no país, de uma camada mediana rural, sob os domínios dos canaviais (MELO, (1975) apud LIMA SOBRINHO, 1943).

Durante a construção da cultura canavieira, existiram dois tipos de lavradores, e no município de Nazaré da Mata não foi diferente. Havia os que tinham terras próprias (“os que possuíam partidos obrigados”) e os que trabalhavam nas terras pertencentes ao próprio engenho.

Fora as terras dos engenhos, tinham também as terras dos lavradores, que por sua vez, plantavam cana-de-açúcar, todavia, para esses pequenos proprietários eram dadas cartas de sesmaria (MELO, (1975) apud ANTONIL, 1950).

Estes (as) trabalhadores (as) rurais eram constituídos de uma certa importância, por fazerem parte da estrutura sócio-econômica. Antes de ser lançado o advento das primeiras usinas (1878), o Congresso Agrícola do Recife encaminhava seu porta-voz para que fosse feito o registro, por meio de discurso inflamado, onde eram alegadas duas ordens que informavam sobre a classe de agricultores (as) em questão: a primeira, referia-se a opressão e injustiça que muitos estariam sofrendo por parte dos senhores de engenho; e a segunda, estava relacionada a participação dos (as) cortadores (as) de cana com relação a relativa quantidade do que era produzido nas safras.

Essas e outras estratégias fizeram com que o trabalho e a produção nos engenhos, assim como o processo de fabrico canavieiro tomassem o fluxo do desenvolvimento, mesmo que para isso fosse preciso usar dos serviços desumanos e das más condições de rotina trabalhista com os (as) trabalhadores (as) rurais e do corte da cana, como afirma Manoel Correia de Andrade:

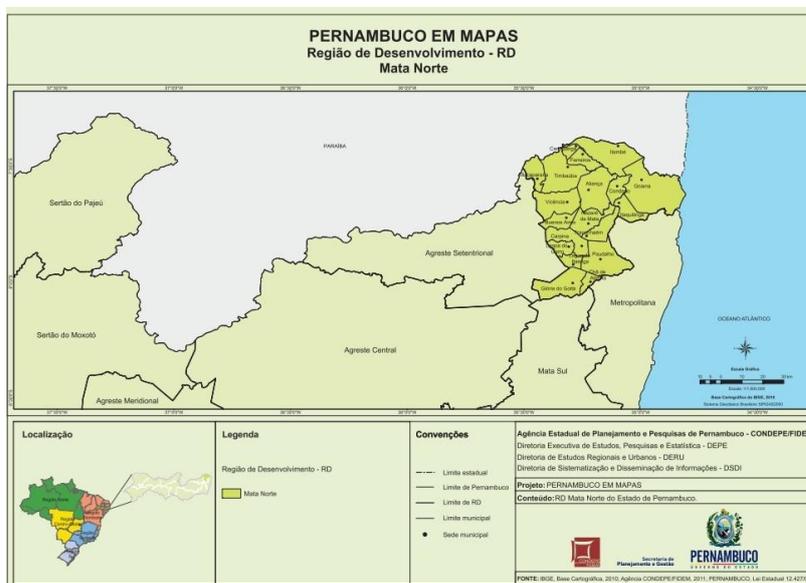
ao lado de algumas dezenas de escravos, costumavam (os senhores de engenho) contratar trabalhadores assalariados – índios semicivilizados, mulatos, negros livres. (...) era freqüente, nessa região, os senhores de engenho, por não poderem adquirir escravos devido ao seu alto custo, para suprir a necessidade de braços, facilitarem o estabelecimento de moradores em suas terras, com a obrigação de trabalharem para a fazenda. Esses trabalhadores tinham permissão para derrubar trechos da mata, levantar choupanas de barros ou de palha, fazer pequeno roçado e dar dois ou três dias de trabalho semanal por baixo preço ou gratuito ao senhor-de-engenho (ANDRADE, 1993, p. 104).

Segundo Melo (1975), Pernambuco encontrava-se na ordem de cinquenta por cento de participação na produção canavieira. E foi com a participação destes (as) trabalhadores (as), que a economia local e do estado teve expressivo avanço na sociedade pernambucana e na organização agrária dos engenhos.

“Com variada participação, embora sempre importante, a classe dos lavradores, em verdade, sempre esteve presente na estrutura sócio-econômica rural dos engenhos de açúcar”. (MELO, 1975, p. 36).

Contudo, foram e são essas pessoas que “nasceram” predestinados aos poderes da servidão dos proprietários de usinas e senhores de engenhos. E como exemplo, Furtado (1972), mostra claramente em suas pesquisas, realizadas durante a década de 1970, o que pode ser visto nos dias atuais, “no caso brasileiro, a propriedade da terra foi utilizada para formar e moldar certo tipo de comunidade, que já nasce tutelada e a serviço dos objetivos da empresa agromercantil”.

Figura 3- Mapa da atual configuração da Zona da Mata Norte do Estado.



Fonte: Autor (2018).

## 1.2 ECONOMIA, CULTURA E TURISMO NA REGIÃO

Durante o período colonial, o açúcar foi o produto que mais sofreu influências na exportação no comércio externo, o que de certa forma fazia com que o preço oscilasse e como consequência, instalava-se um momento de crise financeiro-econômico na produção açucareira local.

Mesmo tendo a imagem positiva mediante aristocracia política e administrativa, os senhores de engenho nem sempre faziam com que o momento financeiro fosse aceitável. Tempo depois houve o surgimento da Cooperativa Central dos Banguenezeros, que teve seu entreposto no município de Nazaré da Mata e colocou o açúcar bruto na competição internacional.

Feito isso, proporcionou-se um avanço no setor financeiro-econômica e a partir de então, muito se contribui para o desenvolvimento da localidade. Na década de 1920, o açúcar teve seu preço elevado, o que ocasionou um leve alívio econômico e melhoramento nos engenhos.

Foi aí que os senhores de engenhos começaram a contar com o apoio do Banco Popular de Nazaré, que foi fundado em 03 de julho de 1926, fazendo parte do regime cooperativista, e que posteriormente prestou serviços de grande relevância para a pecuária e agricultura.

Tempos depois, outro fator que veio a elevar a economia da cidade foi a fundação da Cooperativa Agropecuária, no dia 23 de março, no ano de 1937. Criou-se a instituição objetivando dar toda e qualquer assistência aos donos e criadores de animais, assim como agricultores (as) da região. Por motivos de modificações no sistema econômico à época, a Cooperativa Agropecuária funcionou por alguns anos.

Seguindo a linha econômica e trabalhista em Nazaré da Mata, o município teve o seu sistema industrial em 1930, quando a primeira indústria metalúrgica de dobradiças e fechaduras do Nordeste deu início a sua produção. A empresa foi fundada pela C. Bellinfanti & Companhia Limitada

Outras diversas indústrias do setor de calçados foram instaladas na localidade, oferecendo empregos para os (as) moradores (as) do município. Uma que muito teve destaque no seguimento de calçado foi a empresa Lídice, que teve seus produtos nos principais centros comerciais do Nordeste e o mesmo produto exportado para o exterior. Anos depois, a Lídice

transfere-se para Timbaúba, porém, não consegue manter o mesmo padrão de empreendimento que tinha em Nazaré da Mata.

Outro grande empreendimento na região foi a fabricação de bebidas, este caracterizado no setor de alimentos, teve importante participação no desenvolvimento da economia local, gerando empregos e renda.

Uma famosa aguardente “Cajarana”, fabricada no engenho Ventura, tinha em sua composição cajá e cachaça, e por muito tempo foi apreciada entre os Estados do Nordeste. A fábrica da BIG laborou durante longo tempo no bairro da Estação e produzia vinho, vinagre e envasava aguardente, fornecendo seu produto para outros municípios de Pernambuco e da Paraíba.

A partir deste século XXI, Nazaré da Mata teve uma evolução em alguns setores, no que diz respeito a formação educacional/tecnológica. Também houve avanço no setor secundário, com instalação de pequenas indústrias empreendedoras de produção de pré-moldados, serralharia, móveis e agroindústrias de polpas de frutas, iogurte e derivados de leite.

Uma indústria que muito vem se destacando em Nazaré da Mata é a empresa Mauricéa, que desde 1963 situou-se na região a princípio com uma padaria. Atualmente, obtém abatedouros de aves, massas, biscoitos, fabricação de linguiça de frango e ração para animais. A Mauricéa é no momento líder de preferência no mercado entre os Estados do Nordeste e alguns centros do país. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Sergipe, Bahia e Alagoas são um dos estados que são atendidos por esta fábrica.

O município de Nazaré da Mata cresceu muito nos últimos tempos após a ampliação comercial na localidade. Houve a implantação de novos mercados, lojas de móveis e de material de construção, serralharias, hotéis e pousadas. Tudo para atender a decorrência do consumo local e das populações de outras cidades que procuram a cidade objetivando conhecer a cultura da região, fazer turismo nos espaços de lazer ou mesmo ir neste lugar tratar de negócios.

Muitos são as referências que poderiam ser aqui esplanadas sobre esta mencionada região, no que se refere a economia local. Todavia, a cultura como um todo em Nazaré da Mata é uma forte vitrine para o olhar dos pernambucanos e porque não dizer, dos brasileiros.

A cultura é a identidade de um povo. Sem ela, perdemos não apenas nossa identidade, mas nossos valores e princípios (2016). O Maracatu de Baque<sup>7</sup> Solto (Maracatu Rural<sup>8</sup>) surge

---

<sup>7</sup>Baque é sinônimo de toque.

e desde então fica sediado na Zona da Mata Norte do estado. Nazaré da Mata é considerada a capital estadual do Maracatu Rural ou como muitos falam no município, a “**Terra dos Maracatus**”.

Em suas andanças e pesquisas no município de Nazaré da Mata, Medeiros (2005), afirmou que o maracatu rural obteve sua origem nos engenhos e nas usinas da cana-de-açúcar, lugar de trabalho e vivência dos brincantes que viviam do corte da cana.

Ainda de acordo com Medeiros (2005):

este ambiente era opressor, pois “existia um forte coronelismo, autoritarismo, cerceamento da liberdade, violência. A disciplina nos engenhos era medieval, cheia de castigos, punições, privações de divergências políticas e religiosas (MEDEIROS, 2005, p. 206).

Já Benjamin (1982) diz que:

A adjetivação “rural” do maracatu de orquestra teve caráter depreciativo, no intuito de diferenciá-lo do outro, considerado tradicional (BENJAMIN, 1982, p. 202).

Chegou-se até acreditar no desaparecimento de alguns grupos de maracatus de Pernambuco. Como em tudo na vida é preciso renovar, foi necessário haver renovação por parte do Maracatu rural, embora alguns estudiosos como Cascudo (2012), não enxergasse essa tal reinvenção:

Os grupos recifenses estão desaparecendo [...]. Parece o maracatu condenado à morte pela ausência de renovação (CASCUDO, 2012, p.413).

---

<sup>8</sup>Katarina Real afirma que: “Os maracatus de orquestra são de origem rural, especificamente da zona canavieira do Norte do Estado. [...] representam uma fusão de elementos de vários folguedos populares existentes no interior de Pernambuco (um belo exemplo da dinâmica folclórica): pastoril e ‘baianas’, cavalo-marinho, caboclinhos, folia (ou rancho) de Reis, etc (REAL, 1990, p. 73-74).

Figura 4 - Maracatu Águia Dourada de Nazaré da Mata.



Foto: Alcântara (2018).

Num total, o município concentra 21 conjuntos de brincantes, o que faz da região referência na cultura pernambucana, nordestina e brasileira. De acordo com Hilton (2016), foi em Nazaré que ocorreu, desde o fim da escravidão, a formação de folguedos ou brinquedos populares, eram e atualmente são representativos da cultura pernambucana.

A Ciranda<sup>9</sup>, o Cavalo Marinho<sup>10</sup>, o Coco de Roda<sup>11</sup>, os Repentistas, os Cantadores de Viola, Caboclos de Lança, Artesãos, Escritores Literários, Bandas Musicais, Orquestras, Maracatus Rurais, que também são conhecidos como Maracatu de Orquestra, dentre outros artistas da região, são mostras da criatividade dos (as) moradores (as), trabalhadores (as) rurais, cortadores (as) de cana de açúcar dos engenhos. E este mesmo povo são os responsáveis pela mola propulsora da economia local citada acima.

Dessa forma, o turismo se fez, desde então, presente no município de Nazaré da Mata. O turismo e o lazer sempre foram praticados em conjunto com a cultura da localidade. Alguns engenhos se tornaram pousadas e hotéis fazenda, servindo de abrigo e proporcionando aos visitantes conhecer os espaços do turismo rural, assim como desfrutar da gastronomia local e do artesanato existente na cidade.

<sup>9</sup>Segundo um dos pioneiros nos estudos acerca da ciranda, Padre Jaime Diniz, a ciranda é uma dança de roda de origem portuguesa (RABELL, 1998, p. 58).

<sup>10</sup>O cavalo-marinho é um folguedo folclórico do ciclo natalino. Sua existência tem sido assinalada na Zona da Mata Norte de Pernambuco e na continuidade geocultural da Mata Seca em direção à Paraíba (ARAÚJO, 2003, p. 9).

<sup>11</sup>Semira Vainsencher e Rúbia Lóssio garantem que: “Os recém-chegados se sentavam no chão para quebrar a casca dos cocos e, ao mesmo tempo em que conversavam uns com os outros, colocavam os frutos em cima de pedras, e neles batiam até que rachassem. Neste contexto, sempre surgia alguém que se levantava e começava a dançar, enquanto os demais procuravam unificar as batidas dos movimentos ritmados (VAINSENCER e LÓSSIO, 2005, p. 1)

No período carnavalesco, a cidade sempre recebe um significativo número de turistas que encontram na oportunidade uma chance de conhecer o município e ao mesmo tempo a cultura da região.

Durante o resto do ano, as visitas a região continuam acontecendo, haja vista os avanços socialmente visíveis na cultura popular, economia criativa, no desenvolvimento local, investimentos e instalações de alguns empreendimentos industriais no município de Nazaré da Mata.

## CAPÍTULO 2 - PONTOS DE CULTURA: A HORA E A VEZ DAS CULTURAS POPULARES NO BRASIL

No ano de 2004, período do primeiro mandato do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a cultura teve uma considerável atenção, ao ganhar como incentivo, por meio do Ministério da Cultura (Minc), a criação do Programa Cultura Viva<sup>12</sup>. Constituído pelo Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva, por meio da portaria Nº 156 de 6 de julho de 2004.

O então Ministro Gilberto Gil percebeu que as políticas públicas para as áreas culturais não ofereciam suficientemente as categorias de cultura popular.

Este tinha como embasamento inicial parcerias com: União, Estados, Distrito Federal e municípios, juntamente com a sociedade civil, todos ligados ao campo das artes e cultura.

Inicialmente, o Programa Cultura Viva visava ampliar o acesso da referida população aos meios de produção, circulação e fruição cultural, através do fomento e parceria com institutos/grupos/coletivos artísticos e de outros campos da expressão cultural.

Dentre os princípios elaborados pelo programa, destacam-se: o estímulo ao protagonismo social na elaboração e na gestão das políticas públicas da cultura; a gestão pública compartilhada e participativa, amparada em mecanismos democráticos de diálogo com a sociedade civil; a construção de novos valores de cooperação e solidariedade, promovendo a cultura de paz e a defesa dos Direitos Humanos.

O Programa Cultura Viva estabeleceu como prioridade de público: grupos, comunidades e populações com baixo reconhecimento de sua identidade cultural, tais como: comunidades praticantes de culturas populares, povos indígenas, povos e comunidades tradicionais, população LGBT, mulheres, grupos etários prioritários (crianças, jovens e idosos), pessoas com deficiência e pessoas em sofrimento psíquico, dentre outros:

O Programa Cultura Viva é concebido como uma rede orgânica de criação e gestão cultural, mediado pelos Pontos de Cultura, sua principal ação. A implantação do programa prevê um processo contínuo e dinâmico e seu desenvolvimento é semelhante ao de um organismo vivo, que se articula com atores pré-existentes. Em lugar de determinar (ou impor) ações e condutas locais, o programa estimula a criatividade, potencializando desejos e criando situações de encantamento social (BRASIL, 2004, p.18).

---

<sup>12</sup>É um programa do Governo Federal, criado em 2004 - através de uma portaria do Ministério da Cultura, mas que em 2014 passou a ser uma Política de Estado, com a sanção da Lei 13.018, que instituiu a **Política Nacional de Cultura Viva**, que simplifica e busca desburocratizar os processos de reconhecimento, prestação de contas e o repasse de recursos para as organizações da sociedade civil.

Com um dos critérios de participação no Programa Cultura Viva, os projetos teriam que trabalhar como ferramentas de importância e articulações de ações que já estivessem acontecendo nas localidades. Tudo isto, objetivava-se contribuir na construção da inclusão social, cidadania e a promoção da diversidade cultural, sendo este por meio da oportunidade de emprego e renda.

E por fim, o objetivo maior foi apoiar diversas iniciativas culturais, na busca de seu fortalecimento e articulação em rede com outros grupos culturais, para que os mesmos ampliassem seu potencial de captar recursos de outros meios públicos e/ou privados.

E para tanto, o surgimento deste projeto e construção de uma cidadania que proporcionasse relações de sociabilidade dignas para estes (as) moradores do município de Nazaré da Mata, em sua maioria, trabalhadores (as) rurais e cortadores (as) da cana de açúcar, só fez provar o quão foi eficiente esta iniciativa, como bem afirmou o Ministro Gil (2004):

São mais eficientes que os demais. Está provado também que a cultura qualifica as relações sociais e reduz os focos de tensão e violência, elevando a auto-estima e o sentido de pertencimento a uma comunidade, a uma cidade, ao próprio país (GIL, 2004).

### **Pontos de Cultura e Pontões de Cultura**

Tido como a principal ação criada pelo Governo Federal, os Pontos<sup>13</sup> e Pontões<sup>14</sup> de Cultura surgiram, por meio do Departamento de Projetos do Ministério da Cultura, para garantir a manutenção e andamento artístico dos milhares grupos e manifestações da cultura popular no país:

A principal ação do Programa Cultura Viva são os Pontos de Cultura – entidades/grupos/coletivos com atuação comprovada na área cultural, selecionados por meio de Edital do Programa Cultura Viva, de responsabilidade do Ministério da Cultura, em parceria com outros órgãos do Governo Federal, e com Governos Estaduais e Municipais. Os Pontões de Cultura são entidades de natureza/finalidade cultural que se destinam à mobilização, à troca de experiências, ao desenvolvimento de ações conjuntas com governos locais e à articulação entre os diferentes Pontos de Cultura, que poderão agrupar-se em nível estadual e/ou regional, ou por áreas temáticas de interesse comum (BRASIL, 2004).

---

<sup>13</sup>É a ação prioritária do Programa Cultura Viva.

<sup>14</sup>Foram criados para articular os Pontos de Cultura, difundir as ações de cada entidade e estabelecer a integração e o funcionamento da rede dos Pontos de Cultura.

Figura 5 - Oficina da Rede São Luís/MA de Pontos de Cultura.



Fonte: Vasconcelos (2017).

Os Pontos de Cultura tinham como missão acrescentar agentes culturais, para a articulação e impulsionamento de ações conjuntas com suas comunidades e das manifestações e grupos culturais entre si. O que Turino (2010) conceitua como:

Ponto de Cultura é um conceito de política pública. São organizações culturais da sociedade que ganham força e reconhecimento institucional ao estabelecer uma parceria, um pacto, com o Estado. Aqui há uma sutil distinção: o Ponto de Cultura não pode ser para as pessoas, e sim das pessoas; um organizador da cultura no nível local, atuando como um ponto de recepção e irradiação de cultura (TURINO, 2010, p. 64).

Todavia, os Pontos de Cultura não seguem um modelo padrão, no diz respeito às suas instalações físicas, programação mensal e anual, e nem relacionado às atividades culturais desempenhadas na instituição.

Figura 6- Ponto de Cultura Canavial e Agência de Projetos - Casa Mestre Baracho - Engenho Santa Fé/Nazaré da Mata.



Fonte: Freitas (2010).

Uma característica comum a todos os Pontos de Cultura é a transversalidade<sup>15</sup> da cultura e a forma como sociedade civil e poder público gerem de maneira compartilhada sua gestão. É voluntária a adesão à rede dos Pontos de Cultura, podendo este acontecer através de chamamento público, em editais pelos: Ministério da Cultura, governos dos Estados e prefeituras. Outras instituições de caráter público também podem ficar a cargo do chamamento.

Desta forma, Turino (2010), esboça o que burocraticamente vem a ser o trabalho realizado num Ponto de Cultura, desde sua gestão até a realização de toda e qualquer atividade na sede:

A gestão do Ponto de Cultura começa a partir do convênio que é assinado entre governo e proponentes, definindo responsabilidades (acesso público ao Ponto, trabalho colaborativo, compartilhamento de decisões com a comunidade) e direitos (regularidade no repasse de recursos, acompanhamento e capacitação, acesso público aos bens e serviços adquiridos com os recursos repassados etc.) (TURINO, 2010, p. 64).

Os Pontos de Cultura também realizam outras linhas de fomento, tais como: Pontos de Leitura, Pontinhos de Cultura, Pontos de Memória e Pontos de Bens de Registrados como Patrimônio Imaterial.

Figura 7 - Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança, Sítio Chã de Camará, PE.



Fonte: Freitas (2013).

<sup>15</sup>O conceito de transversalidade surgiu no contexto dos movimentos de renovação pedagógica, quando os teóricos conceberam que é necessário redefinir o que se entende por aprendizagem e repensar também os conteúdos que se ensinam aos alunos.

Foi estabelecido pelo Plano Nacional de Cultura (PNC), através da Lei Nº 12.343/2010, dentro do seu organograma de metas, a promoção de 15 mil Pontos de Cultura, anualmente, até o ano de 2020.

Já os Pontões de Cultura<sup>16</sup> tiveram como norte a missão de articular os Pontos de Cultura. Difundindo e estabelecendo atividades interligadas ao seu funcionamento. Ao serem lançados, os Pontões tiveram como principal missão, constituírem-se nos diversos espaços articulados entre os Pontos de Cultura.

Figura 8 - Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança, Sítio Chã de Camará, PE.



Fonte: Freitas (2013).

A partir de sua criação, este projeto foi conceituado pelo Governo Federal (2004) e segundo pesquisa bibliográfica, como:

Os **Pontões de Cultura** são entidades de natureza e finalidade cultural que se destinam à mobilização, à troca de experiências, ao desenvolvimento de ações conjuntas com governos locais e à articulação entre os diferentes Pontos de Cultura. Podem agrupar-se em nível estadual e/ou regional ou por áreas temáticas de interesse comum.

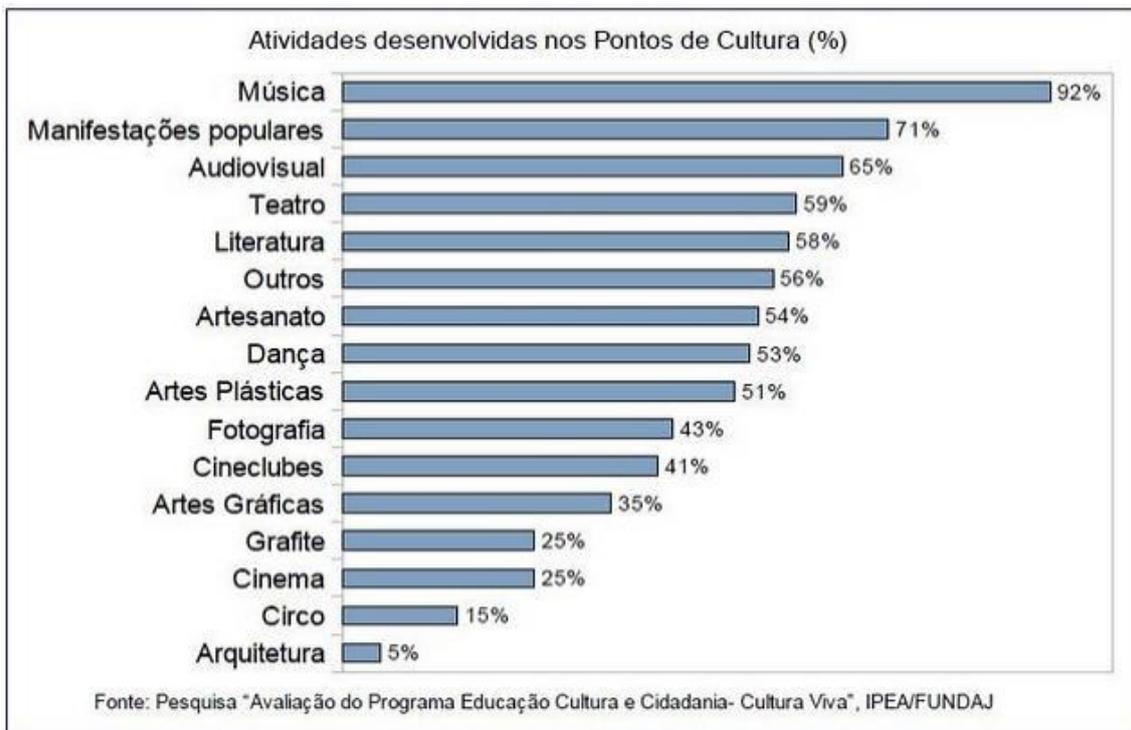
<sup>16</sup>Foram criados para articular os Pontos de Cultura, difundir as ações de cada entidade e estabelecer a integração e o funcionamento da rede dos Pontos de Cultura. Recebem recursos de até R\$ 500 mil, por meio de edital público, para desenvolver programação integrada, adquirir equipamentos e adequar instalações físicas. Atuam tanto na dinamização dos contatos entre os Pontos, com foco temático ou regional, quanto como parceiros na implantação de ações do Programa (GOVERNO FEDERAL, 2015).

Este projeto do Ministério da Cultura existe desde 2004, ano da publicação de seu primeiro edital, e nas suas articulações abarcam ações e atividades que abrangem domínios temáticos ou territoriais, tais como: público (juventude e mulheres); linguagem artística (Pontão do Teatro Oprimido, do audiovisual); área de interesse (cultura digital, arte e reforma agrária, cultura de paz), território ou gestão.

Segundo um levantamento feito pela pasta responsável por este benefício cultural, ao todo são 142 Pontões espalhados pelo país (dados de agosto/2012). Desta maneira, há Pontões nas áreas de: audiovisual, caatinga, cerrado, juventude, cultura de paz, bens imateriais, cultura digital, dentre outros.

Muitas são as atividades e ações desenvolvidas nos Pontos de Cultura por todo o Brasil. Porém, alguns Pontos desenvolvem algumas pautas, de acordo com o carro chefe cultural de sua região, ou seja, com o que seja predominantemente forte na localidade. A imagem abaixo mostra o percentual de atividades realizadas nos Pontos de Cultura no território brasileiro.

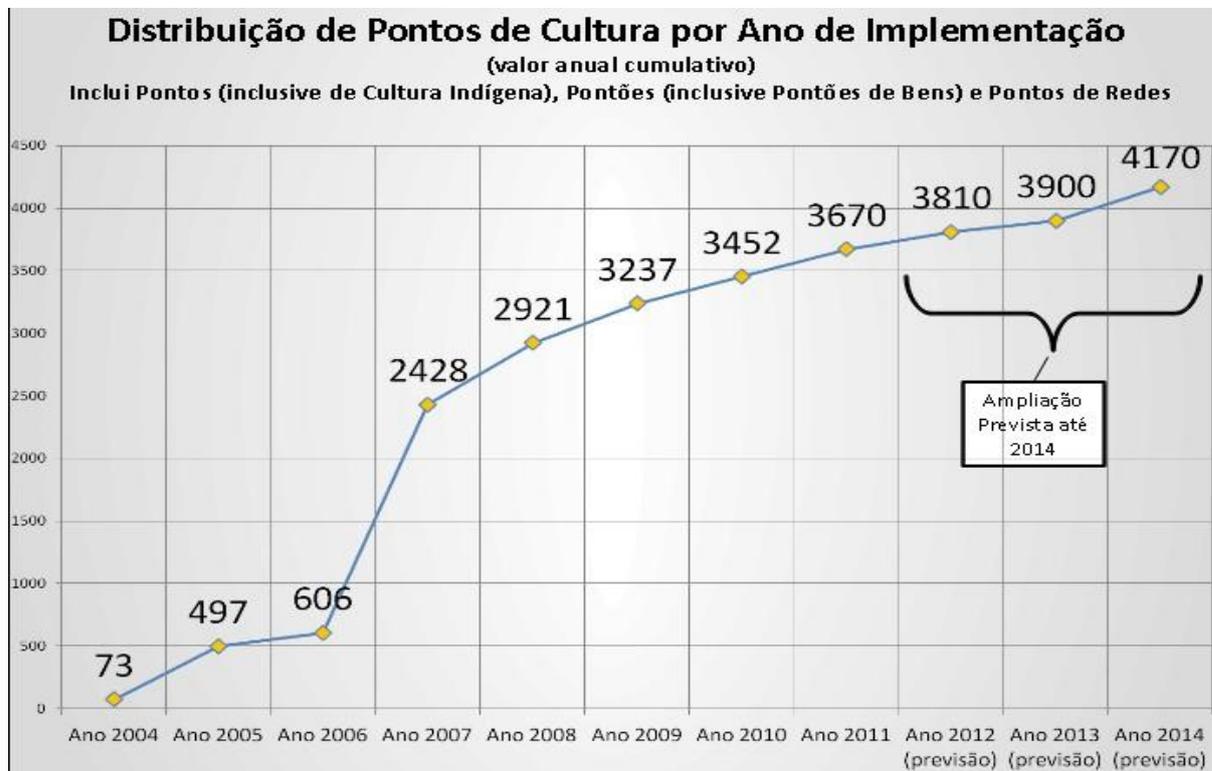
Figura 9 – Gráfico do Ministério da Cultura.



Fonte: Minc (2011).

O Governo Federal havia criado, desde o ano de sua criação em 2004 até o ano de 2014, uma meta de distribuição dos Pontos de Cultura por regiões e municípios do Brasil, como bem mostra a imagem a seguir, sendo estes destinados a outros tipos de Pontos, como indígenas, de bens e redes.

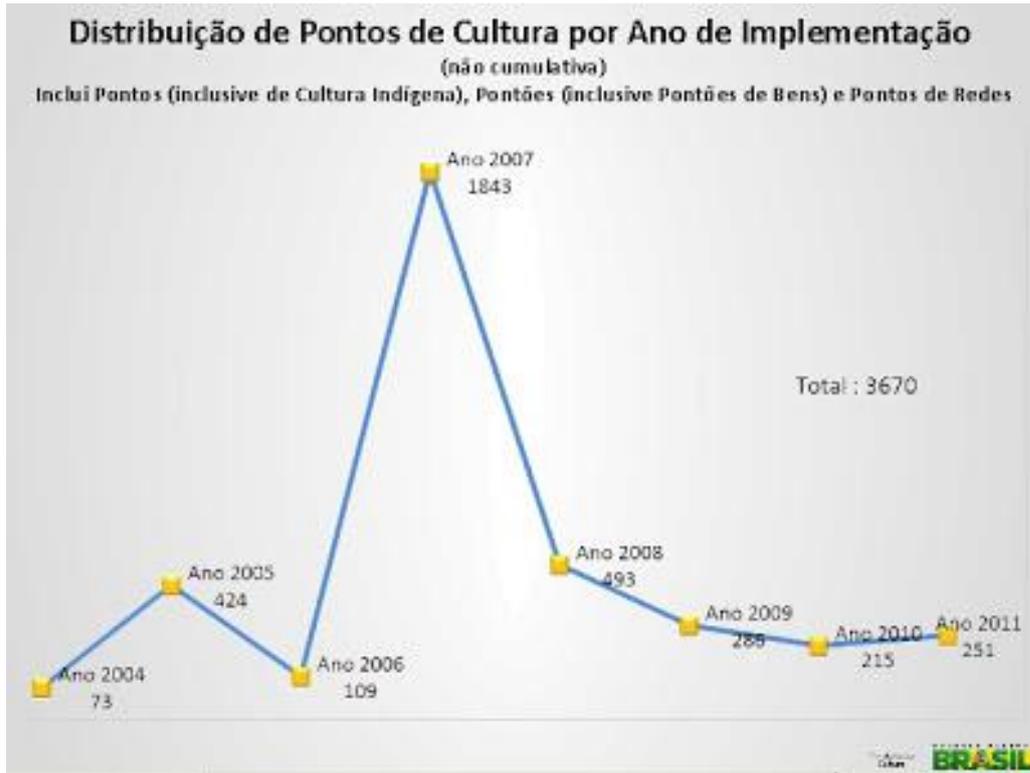
Figura 10 – Gráfico do Ministério da Cultura (Distribuição e implantação de Pontos de Cultura).



Fonte: Minc (2010).

Na ilustração abaixo, é possível ver como estes Pontos de Cultura foram distribuídos anualmente, incluindo as outras características que compõem a mesma instituição mencionadas acima, nos estados e capitais do Brasil.

Figura 11 – Gráfico do Ministério da Cultura.



Contudo, a prática levada a realidade é outra forma de funcionamento para este mesmo investimento de política pública cultural, que na teoria, deveria atingir de maneira igualitária todos (as) produtores (as) culturais, artistas, brincantes, mestres, dançarinos (as), assim como a população em geral que consome e aprecia toda expressão artística.

## 2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS: UMA REALIDADE QUASE DISTANTE NO COTIDIANO DA ZONA DA MATA NORTE

Antes de mais nada é preciso levar em consideração o conceito de políticas públicas que se objetiva como um conjunto de ações que são coordenadas com o objetivo público (PEREIRA, 2008, p.23), desta maneira, é imprescindível não confundir política pública com a de governo.

De acordo com pesquisa bibliográfica realizada para o tema, Fernandes (2006), afirma que em meados do início do século XX, o estado tinha praticamente nula sua participação na área cultural, sendo este, no sentido de projetar e implementar as devidas políticas.

Foi na gestão do primeiro mandato do presidente Vargas (1930-1945), que teve início o surgimento das políticas públicas culturais. O que de acordo com Calabre (2005, p. 4): Foi o tempo da construção de instituições voltadas para os setores onde o Estado ainda não atuava.

Muitos autores lançam suas teorias conceituais acerca do que são políticas públicas (BUCCI, 2002; CÉLIO, 2002) dentre outros, diferenciando-a de política de governo. São a partir destes conceitos que é possível compreender as ações e planos diretamente ligados a construção social e verticais básicos da população brasileira. Contudo, um dos conceitos mais citados, define bem o que vem a ser uma política pública:

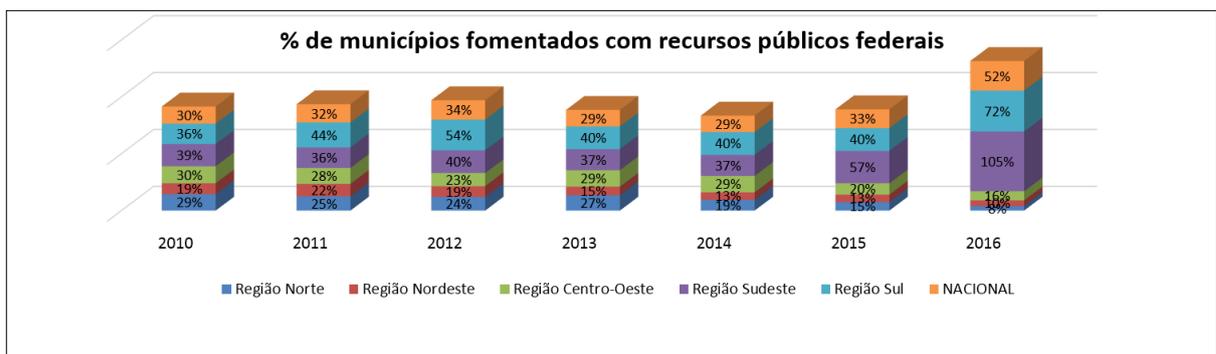
Políticas públicas são formas de políticas implementadas pelo Estado, cujo objetivo é garantir o consenso social mediante iniciativas que contribuam para a redução das desigualdades e controle das esferas da vida pública para garantir os direitos dos cidadãos (MORAES, 2006, p. 3).

Estudos feitos por pesquisadores como (COELHO, 1997; CANCLINI, 2001) reforçam a ideia de que é possível o Estado intervir conjuntamente juntos aos órgãos públicos e privados, objetivando realizar o desenvolvimento emblemático, satisfazendo assim o que for necessário para o funcionamento cultural de uma população, tornando-a construtora de sua transformação social.

O Plano Nacional de Cultura (PLN), através do Ministério da Cultura (Minc) estabelece em seu organograma anual metas e planos de ações, distribuídas por todas as regiões brasileiras, que origina-se a porcentagem de recursos e fomentos destinados aos municípios do país.

De acordo com o gráfico abaixo, é possível ver claramente o baixo número percentual de verbas e recursos públicos federal, destinadas a região Nordeste, no que diz respeito a realização de atividades relacionadas a cultura como um todo.

Figura 12- Fomento, Financiamento e Incentivo do Ministério da Cultura.



Fonte: Minc (2016).

Todavia, o Minc mostra o quanto foi o investimento em ações e iniciativas do setor cultural no ano de 2012, e diz ser o momento semelhante ao vivido quatro anos atrás em 2008, quando o país vivia sua efervescência na economia brasileira, e desta forma muito foi investido na cultura.

O que Ortiz (2003), exemplifica perfeitamente em um trecho de sua obra “Mundialização e Cultura”: “Como a base econômica constitui a unidade privilegiada de análise, as manifestações políticas e culturais surgem como seu reflexo imediato”.

Figura 13 – Diretrizes do Ministério da Cultura (Minc) para 2012

<b>REDE DE CIDADANIA CULTURAL</b>		
	<b>2012</b>	
<b>PROGRAMAS</b>	<b>INVESTIMENTO (R\$)</b>	<b>META</b>
PAC - Praças dos Esportes e da Cultura (Infraestrutura)	300 milhões	345
Espaços e Bibliotecas Mais Cultura (Infraestrutura)	35 milhões	35
Usinas Culturais (Infraestrutura e Programação)	20 milhões	68
Pontos de Cultura (Programação)	114 milhões	3.536

OBS.: O investimento de 2012 no Programa Cultura Viva volta ao patamar de seu melhor momento entre 2008 e 2009.

**INTEGRAÇÃO DOS PROGRAMAS**

- Cultura Viva/Pontos de Cultura
- Praças dos Esportes e da Cultura
- Usinas Culturais
- Espaços e Bibliotecas Mais Cultura

Fonte: Minc (2012).

A própria gestão cultural nacional muitas vezes pode pintar um quadro poético, romântico da situação do qual passam muitos destes (as) sujeitos sociais, que vivem ou pelo menos sobrevivem de sua arte.

Os (as) moradores (as) das áreas de municípios da Zona da Mata Norte de Pernambuco, envolvidos em diferentes produções culturais, enfrentaram por diversas vezes a falta deste benefício ou então quando tiveram oportunidade de desfrutarem desta benfeitoria, o recurso não vinha destinado em sua totalidade em termos de valores financeiros e foram isso, havia um longo prazo para que fosse feito o repasse da verba.

Por se tratar de municípios distantes da capital do Estado ou de cidades onde a visibilidade cultural possa favorecer os investimentos vindos do Governo Federal, através do Minc, fizeram com que por muitos anos os (as) brincantes, artistas e produtores (as) da cultura popular das áreas canavieiras não tivessem em sua realidade cotidiana uma política que de

fato enxergasse o potencial social, cultural e econômico dessa gente destinada a não só viver do plantio e do corte da cana-de-açúcar ou da agricultura familiar, mas também de ofício de sua arte.

O que de certa forma afirma Pereira apud Porto:

A cultura tem sido marginalizada pela política, que a mantém distante de seus debates. Com isso, pouco tem contribuído para o desenvolvimento democrático do país uma vez que existe um leque de oportunidades em que, mediante as manifestações culturais se poderia refletir questões educacionais, universalização dos serviços culturais – equipamentos e programas -, além do desenvolvimento local, baseado em “ativos singulares de cada comunidade (PEREIRA apud PORTO, 2008, p. 29).

Enquanto o país não leva tão a sério o fator de investimentos na cultura, em suas variadas esferas, os grupos e manifestações culturais, e neste caso temos como exemplo os sujeitos da Zona da Mata Norte de Pernambuco, reinventaram-se a partir da criação de um projeto, por meio do setor de projetos do Minc, o qual os possibilitou ir um pouco mais além seguindo a lógica das políticas públicas culturais.

O que de certa forma ajudou a manter na ativa a produção das culturas populares no Brasil, e também nesta região, como bem conceitua Canclini (1983), quando fala das culturas populares no capitalismo:

Culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia, por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação real e simbólica das condições gerais e específicas do trabalho e da vida.

Em contrapartida, surgiram outras alternativas no sentido de mantê-los na ativa, produzindo e desenvolvendo arte, afim de que o período de suas aparições não fossem apenas os festejos carnavalescos, e sim o ano inteiro.

No ano de 2005, Brasília sediou um encontro, intitulado “Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares”, objetivando dar sua contribuição para a formulação de políticas públicas no setor cultural, e ao mesmo tempo indicar diretrizes e ações que pudessem fortalecer e reconhecer a o papel das múltiplas expressões da cultura popular. Uma das muitas diretrizes e ações criadas denomina-se exatamente como: Políticas Culturais de Desenvolvimento Local e Inclusão, com continuidade. A mesma apresenta as seguintes características:

- Criar um programa de fomento específico de projetos culturais regionais.

- Adotar a co-gestão como mecanismo de controle social.
- Reconhecer a importância dos secretários de cultura no envolvimento com as culturas populares e com outras manifestações culturais.
- Valorização de artistas e culturas populares pelas secretarias de cultura.
- Desenvolver políticas públicas municipais para culturas populares.
- Apoio das prefeituras para a formação das casas de artesanato (associações de artesãos).
- Estimular a relação entre as culturas populares e o turismo cultural, evitando o exotismo<sup>17</sup>.
- Contratar para as secretarias de cultura pessoas capacitadas para o desenvolvimento de projetos de culturas populares com comunidades.

O curso intitulado “Método Canavial – Introdução à Produção Cultural” foi um importante surgimento na região, como ferramenta propulsora do aprendizado, desde a escrita até a submissão de projetos culturais, que deu a possibilidade para que muitos desses (as) artistas do maracatu rural, caboclinho, cavalo marinho, coco de roda e outros, se tornassem produtores (as) culturais<sup>18</sup>.

E seguindo a mesma linha de pensamento, Oliveira (2010), objetivou primeiro em palavras o que seria o trabalho do produtor (a) cultural na região:

São as diversas expressões ou manifestações artísticas que vão possibilitar o trabalho do produtor cultural do qual tratamos aqui. A música, as artes plásticas, a dança, o teatro, a literatura, a culinária, a religião, entre tantas outras formas individuais ou coletivas, são a razão do nosso trabalho. Caso o homem não tivesse a capacidade de se expressar e comungar com o mundo através da arte, o trabalho do produtor cultural estaria reduzido a nada (OLIVEIRA, 2010, p. 99).

Após a capacitação e certificação de que estavam habilitados para exercerem tal tarefa, os primeiros formandos levaram para o papel a ideia que tinham em mente. Depois que o Pontão de Cultura Canavial e Agência de Projetos Culturais, localizada no Engenho Santa Fé, no município de Nazaré da Mata começou a funcionar havia vários fatores para que

---

<sup>17</sup>De acordo com o dicionário online Aurélio, exotismo diz respeito ao caráter do que é exótico; gosto pelo que é incomum; invulgar.

<sup>18</sup>O produtor cultural é um agente transmissor dessa comunhão, ele é o responsável em colocar um homem em contato com outros homens através da arte. Essa capacidade também faz parte da natureza do homem e ela é aprimorada a partir da vivência e do contato do homem produtor cultural com os homens artistas e suas obras de arte (OLIVEIRA, 2010, p. 99).

houvessem uma caminhada mais suave: o trabalho coletivo entre os grupos e manifestações da cultura popular local, diretrizes e direcionamento para o objetivo desejado e acima de tudo autonomia, adquirida durante o tempo de ensino no curso mencionado acima.

## 2.2 ENGENHO SANTA FÉ EM NAZARÉ DA MATA: PONTÃO DE CULTURA CANAVIAL E AGÊNCIA DE PROJETOS CULTURAIS

Fundada pelo Capitão Tomás Cabral de Melo, após a sua chegada a Várzea do Paraíba, em fins da década de 1840, o Engenho Santa Fé oferecia ao então proprietário desta época, maiores chances de adquirir valores econômicos ao investir neste novo empreendimento social, fornecido pelos engenhos durante este período.

Em sua obra literária, “Fogo Morto”, José Lins do Rego traça um panorama dos engenhos de Pernambuco, inclusive desta região e aponta como se deu o início do Engenho Santa Fé, no município de Nazaré da Mata, assim como a falta de experiência do seu mais novo dono, que aos poucos foi adquirindo experiência no negócio:

Aquele Santa Fé, que montara com tanto cuidado, com toda a sua alma, parecia um anão comparado com os outros engenhos de perto. Mas 198 estava contente com a sua criação e a ela se entregava de corpo e alma. Tivera que lutar no princípio com toda dificuldade. Nada sabia de açúcar, fora criador, plantador de algodão. Para ele, porém, não havia empecilhos. Levantou o engenho, comprou moenda, vasilhame, e dois anos após sua chegada ao Santa Fé, tirara a primeira safra (REGO, 1976, p. 136).

Como muitos outros que já existiam no município, o Engenho Santa Fé começava a ganhar corpo e vida. Possuía o tamanho em pequena extensão, era alicerçado pelo trabalho dos escravos e tinha como mandava a tradição de seu tempo, o patriarcado familiar no gerenciamento e administração da propriedade açucareira.

Tempo depois o Engenho Santa Fé começou a produzir num ritmo mais intenso, fazendo com que a jornada de trabalho aumentasse, e posteriormente o Santa Fé tivesse um significativo aumento em sua produção, bem maior que a média dos outros engenhos da região.

Figura 14 - Antigo galpão de trabalho na produção açucareira.



Fonte: Internet (2009).

O próprio Capitão Tomás Cabral de Melo era quem muitas vezes fazia pessoalmente a fiscalização dos trabalhos braçais em seu engenho. Com um alto investimento em maquinário e estruturação, o mesmo controlava diariamente a mão de obra escrava em suas terras:

Diziam que no Santa Fé negro só comia uma vez por dia, que couro comia nas suas costas, nos castigos tremendos. O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não viva no coco como a do Santa Rosa. Negro do Santa Fé era de verdade besta de carga. O capitão dizia ele mesmo que negro era só para o trabalho. Ele, não era negro e vivia de manhã à noite fazendo a sua obrigação. [...] Era homem duro, era homem para amanhecer no roçado, de cacete na mão como feitor, fazendo a negrada raspar mato, furar terra, plantar cana. Não havia chuva que o impedisse de sair de casa, não havia sol quente que lhe metesse medo. E foi assim que teve dinheiro para poder educar filho (REGO, 1976, p. 137).

Todo este esforço objetiva-se conseguir o prestígio social e apresentar características que colocassem o Engenho Santa Fé a frente dos demais engenhos quando comparado aos outros.

Décadas e décadas depois o Engenho Santa Fé encerrou seus trabalhos na produção açucareira e tornou-se um lugar de moradia para seus atuais proprietários.

Figura 15 - Casarão do Engenho Santa Fé.



Fonte: Internet (2009).

Posteriormente, o que servia de moradia e abrigo para os escravos que nesta propriedade residiam e trabalhavam, deu lugar a confortáveis quartos de pousadas, após o Engenho Santa Fé tornar-se mais uma opção de hospedaria para os turistas e visitantes que estiverem no município.

E foi baseada na história e experiência de muitos trabalhadores (as) semiescravos do corte da cana-de-açúcar, na resistência dos diversos grupos de maracatus rurais, tradição de mestres e oralidade destes (as) artistas que múltiplos ambientes do Engenho Santa Fé foram ocupados para a criação do **Pontão de Cultura Canavial e Agência de Projetos Culturais**, seguida da elaboração e produção artística dos grupos de cultura popular.

O idealizador deste projeto no município de Nazaré da Mata foi Afonso Oliveira, produtor cultural com larga experiência em produção cultural, assessoria artística, elaboração de projetos para editais (públicos e privados), organização de eventos e outros trabalhos com arte.

No início dos anos 2000, após conhecer alguns mestres dos maracatus de baque solto, durante o carnaval do Recife, Afonso Oliveira resolve fazer uma visita à região, e é então que conhece de perto, o potencial artístico e cultural desses (as) trabalhadores (as) rurais e do corte da cana-de-açúcar, integrantes de alguns grupos e manifestações da cultura popular de Nazaré da Mata.

Passadas as apresentações, Afonso Oliveira vê-se seduzido pelo que acabara de conhecer e impõe para si a missão de trabalhar (produzir) com muitos desses grupos de maracatus rurais. Uma de suas primeiras ações enquanto produtor que havia chegado recentemente no município foi criar o curso “Método Canavial – Introdução à Produção Cultural”, que segundo o próprio idealizador Oliveira (2010):

Assim, em 1998, eu fui trabalhar na Zona da Mata Norte de Pernambuco, com o objetivo de contribuir para a dinamização e organização da cultura local. Após 12 anos de trabalho, desenvolvi o que chamo de Método Canavial. Consiste numa rede de princípios e metodologias de formação em produção cultural que visam desenvolver as artes e a cultura local de forma coletiva e próxima da realidade encontrada e vivida por um determinado grupo de pessoas produtoras de cultura (OLIVEIRA, 2010, p. 63).

Constatando que os (as) moradores desta localidade, na sua maioria viviam única e exclusivamente da agricultura familiar e do cultivo e corte da cana-de-açúcar, restando apenas trabalhar nas usinas da cidade ou no plantio em suas pequenas propriedades de terra.

Para tanto, foram utilizados as próprias referências do canavial, como meio de aproximação entre a produção cultural existente na época, a arte, com a realidade desses (as) sujeitos (as) sociais.

Todavia, toda arte é poesia e implica uma técnica. Toda arte, por outro lado, catalisa o fundo mítico e político do grupo, sempre comprometida com origem e destino comunitários (Sodré, 2010).

O significado, de acordo com Oliveira (2010): “Pensar metaforicamente como os modos de uso do corpo, dos costumes, das soluções encontradas para viver da e na cana podem ser traduzidos e ressignificados para práticas de produção cultural”.

E ainda completa:

Numa Usina de Açúcar, a matéria prima é a cana; os equipamentos são os caminhões, a moenda, a caldeira; os produtos são o açúcar, o melaço e o etanol. Na Usina Cultural a matéria prima é o saber dos mestres e dos artistas, a música, a poesia, a dança, a tradição oral, as crenças; os equipamentos são os computadores, o estúdio de gravação, a biblioteca, o escritório de produção, o terreiro, a câmera fotográfica, a câmera de vídeo; e os produtos são CDs, DVDs, livros e festivais (OLIVEIRA, 2010, p. 63).

Em posse das referências que embasaram o início dos trabalhos e deu um norte para os caminhos futuros, começou-se a juntar, no Engenho Santa Fé, importantes pessoas e instituições: grupos culturais, mestres, pesquisadores, músicos, produtores (as), técnicos da

produção cultural, agentes do poder público, governo e sociedade. Todos envolvidos em projetos, que com o tempo foi ganhando forma e motivou a criação do Movimento Canavial.

Durante as aulas ministradas no curso do Método Canavial, dentre muitas características, o produtor cultural estuda a maneira de produção de um determinado grupo ou manifestação cultural, com isso faz as devidas adaptações da arte e cultura, criando os próprios mecanismos de produção artística.

Figura 16 - Alunos (as) do Curso Método Canavial de Produção Cultural.



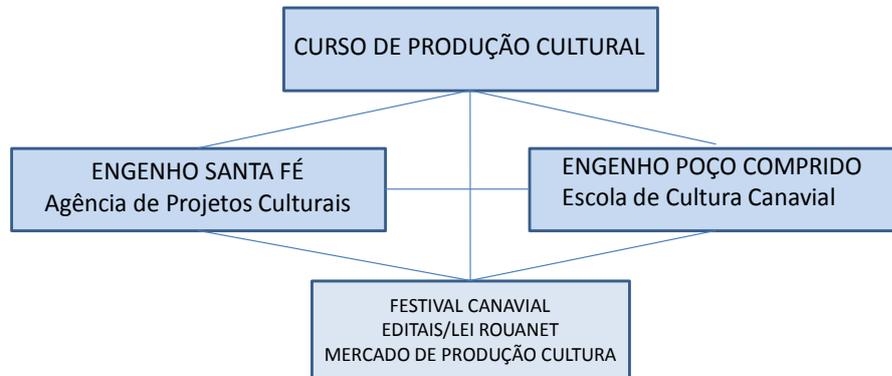
Fonte: Freitas (2012).

O Método Canavial é apontado, segundo Oliveira (2010):

O Método Canavial é a administração dos meios de produção cultural nas mãos dos produtores culturais locais. Ou seja, os agentes culturais locais devem se capacitar para administrar, organizar, produzir, arquivar, escrever a memória, protagonizar e ter o poder sobre todos os meios de produção da cultura de sua localidade (OLIVEIRA, 2010, p. 64).

# Método Canavial

## ESTRUTURA ORGANIZACIONAL



Da mesma maneira como os meios e as obrigações de um produtor cultural:

Os meios de produção cultural são todos os equipamentos, meios de comunicação, ferramentas e pessoas envolvidas na cadeia produtiva da cultura e de suas várias formas artísticas, artesanais e industriais. É necessário que o produtor cultural organize com a comunidade um planejamento estratégico para que todos os participantes possam definir quais os projetos e objetivos que serão elaborados a partir da necessidade (OLIVEIRA, 2010, p. 64).

Figura 17 - Turma de formandos do Curso Método Canavial de Produção Cultural



Fonte: Santos (2009).

Em posse desse conjunto de utensílios para se produzir cultura popular nesta região, os (as) produtores (as) culturais da Zona da Mata Norte de Pernambuco começaram a percorrer outro caminho, o das estratégias e planejamentos. Também houveram alguns encontros, denominados pelo Movimento Canavial de seminários, onde todos (as) produtores (as) culturais do município e localidades vizinhas, puderam reunir grande parte dos grupos e manifestações culturais, além dos (as) moradores (as) da região.

# Método Canavial



Estes seminários tiveram o intuito de ouvir a população presente sobre o cenário atual da cultura popular da Mata Norte e conjuntamente debater ideias, soluções e políticas públicas que viessem a beneficiar a todos. Na imagem abaixo é possível ver através do registro fotográfico, um dos encontros para se debater a produção cultural na região.

Figura 18 - Seminário Raízes do Movimento no Sítio Chã de Camará



Fonte: Trigo (2015).

Desde então esses (as) novos (as) produtores (as) culturais da Zona da Mata Norte começaram a encarar este compromisso como uma missão, um objetivo a ser alcançado em favor da cultura popular no município de Nazaré da Mata e cidades circunvizinhas.

Figura 19 - Encontro do Seminário Raízes do Movimento em Nazaré da Mata.



Fonte: Freitas (2010).

Desta forma, os (as) produtores (as) culturais formados no Curso do Método Canavial de Produção Cultural foram seguindo à risca o que lhes foi ensinado durante as aulas de

formação, no sentido trazer a sua realidade local a maneira de produzirem sua arte e cultura, como bem pontua Oliveira (2010):

A receita é simples: basta o produtor cultural estudar a forma de produção de determinado grupo social, adaptar para a produção da arte e da cultura e criar seus próprios sistemas de produção artística. O que determina o Método Canavial é a administração dos meios de produção cultural nas mãos dos produtores culturais locais (OLIVEIRA, 2010, p. 64).

Contudo, a cultura, seja ela em que aspecto for desenvolvida, gera imensas possibilidades no cotidiano e meio social. Gera renda, oportunidades, progresso, desenvolvimento local, criatividade, inovação e valor agregado as transformações sociais pelos quais muitos sujeitos buscam através da arte. E são nesse conjunto de benefícios que surge a economia solidária, tão presente e atuante nas classes onde é preciso reinventar-se constantemente, embora o que é estabelecido na teoria nem sempre é posto em prática.

### **CAPÍTULO 3 - O MOVIMENTO CANAVIAL COMO IMPACTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Em 2004, o Movimento Canavial tem sua formação criada, a partir da transformação de um local de encontros, festas, ensaios e realização da cultura popular em si em Ponto de Cultura. Antes desse acontecimento, os (as) moradores (as) que participavam dos grupos e manifestações artísticas da localidade, no município de Nazaré da Mata e cidades circunvizinhas da Zona da Mata Norte do Estado, organizam apresentações de Maracatus de Baque Solto (Maracatu Rural), Rodas de Coco, Ciranda e Cavalo Marinho.

No ano de 2006, o produtor cultural e idealizador do Movimento Canavial, Afonso Oliveira lança o Manifesto Canavial ou o Grito do Mateus Danado, em um evento no Estado do Rio de Janeiro, do qual alguns grupos e manifestações culturais da região participaram, como forma de registrar documentalmente o que já vinha sendo trabalhado e existido desde 2004.

#### **Manifesto Canavial ou o grito do Mateus Danando**

Não somos aqueles que lambem o resto de açúcar e suor do tacho. Somos a ponta da lança brilhando e jogando trincheira abaixo a escravidão da Zona da Mata, que insiste em calejar as mãos, envenenar os pulmões, rios, barreiros e ribeirões. Somos o caldo de cana da cultura. O cara sentado na praça assobiando e cantando a cantada de agora, contemporânea, como tudo que há. E o que não há, não haverá de soar nas ouças ou na batida das louças e garfos e facas dos engenhos impregnados pelo holocausto recente, dos séculos que há pouco passaram. Deixando os passos trêmulos dos homens do canavial, como um cão sem pluma atropelado e afogado nesse caldo de coisa nenhuma.

Chega. Viva a chegada, a ciranda, o cavalo marinho, o maracatu rural. Chega! De maracutaia, trapaça e abraço falso. Chega. Pega o banco e senta pra ver que o Porta Estandarte, tem a arte, tem a arte. Quem segura a guitarra, segurou a enxada, é filho de tiqueiro e neto de véio brabo, pegado no mato, na moita, com medo dos vilões. Pega o tamborete e senta para ver o caboclo de lança dançar a dança da moda, mudada, sem lado e sem estrada. Senta e sentado repara na dança da mulher do coco e fantasiado se esbalda nos terreiros, nas chãs, nos assentamentos conseguidos na marra. Invasão inversa, no universo da sacanagem do Baixio das Bestas.

Olhe para o céu e veja as Estrelas de Ouro, de intenso brilho, criando a saga e correndo o mundo, por dentro e por fora da imaginação do poeta Zé. Entre na mata e veja os leões, cambindas e cambadas de mulheres de tejucupapo impregnadas de arte decorrente, de corrente dos tempos da Goiana que libertou escravos e que novamente busca outra liberdade. Liberdade da poesia, da arte, da cultura que cultua a jurema, o exu e a pomba gira.

Gire feito doido pelos canaviais, corta tua mente demente de azougue e levanta-te com o grito e o açoite dos apitos dos mestres. Siga em frente, conectado, pela parabolicamará do kaosnavial da antropofagia pós-pré-histórica moderna e medieval, sem mediador, medida, ticuca, doutor ou coronel. Você está na possibilidade de ressurgir do canavial a partir da fumaça e do malungo, invadindo as casas pelo telhado e as mentes por todos os lados, cantos e cantos cantados de improviso, sem solda e sem soldado armado. Pare e deixe ser amado, encorajado a assumir o lado latente da vida da gente que se sente pronto a ser celebrado por celeiros, guetos e alagados do Brasil, polisaturado de melodias repetidas dia após dia. Reviva-se na associação dos índios, negros, caboclos, reis e rainhas. Não dê ré porque a herança é pesada e na pisada da diversidade você é mais um a colocar o pé.

Cante o rap, repartido e misturado ao coco de biu e de Sebastião. Pense no verso, versado pelo avesso do pandeiro do mestre invocado, evocando tudo que é de todos, na embolada, alimentado pela força do dragão de São Jorge, apoiado na tipóia da liberdade. Salve o som, a zuada e o badalo do surrão aloprado, do Mateus danado, da catirina sem pudor de mostrar a banguela, a bunda e a gazela morta jogada nas encruzilhadas de barro.

Entre na Fuloresta do samba do canavial, das usinas culturais, levante o tom, abra os ouvidos para escutar os gritos de respostas desafinadas e afiadas das caboclas acostumadas a dar risadas das caras e bocas dessa gente que torce o nariz, feito cana na moenda.

Beba uma cachaça do Chico antes do almoço para pensar muito melhor. E como disse o poeta Ascenso, pernas pro ar porque ninguém é de ferro.

Com a inclusão e implantação dos Pontos de Cultura na região, todos esses sujeitos sociais, artistas da cultura popular pernambucana, passaram desenvolver vários dos diversos aspectos do desenvolvimento social e humano na sua trajetória cotidiana: educação, saúde, política cultural, trabalho, habitação, meio ambiente e sustentabilidade.

Foi juntando todas essas características que o Movimento Canavial começou a sua origem, como bem classifica Oliveira (2010):

Mas foi com o Ponto de Cultura Estrela de Ouro que a intenção de um movimento que integrasse a produção cultural da Zona da Mata Norte ganhou corpo e vida. O local se transformou, em poucos anos, num catalisador das ações importantes que estavam acontecendo na região e diversos projetos foram desenvolvidos visando essa integração (OLIVEIRA, 2010, p. 75).

Desde então, começou-se a trabalhar também um nome que identificasse toda essa movimentação de produtores, artistas e grupos culturais. A palavra deveria unir todo o coletivo e de logo de imediato mostrar a identidade da região. E foi pensando nisso que vem à mente do idealizador do Movimento, Afonso Oliveira, o termo Canavial, por se tratar de um aspecto imenso e cruel, segundo o mesmo.

Após a descoberta do nome que daria um norte ao novo coletivo que acabara de nascer as coisas começaram a ganhar pé, pois todos os envolvidos tiveram como passar para o papel (teoria) o que logo em breve colocariam na prática. E foi pensando nessas duas combinações que o objetivo que todos tinham na época foi alcançado, transformar a produção cultural da região num conhecido e notável canavial de arte e cultura.

Figura 20 - Reunião do Movimento Canavial para discussão de novas estratégias na produção cultural.



Fonte: Freitas (2010).

De acordo com o idealizador do Movimento Canavial, assim como os demais integrantes que formam este coletivo, o destaque para os principais projetos realizados pelo Ponto de Cultura Estrela de Ouro e que ainda segundo o mesmo teve total importância no

fundamento do Movimento foram: Usina Cultural Estrela de Ouro, Festival Canavial, Programa Canavial, Ponto de Cultura Canavial e o próprio Curso de Formação de Produtores (as) Culturais na Zona da Mata Norte.

Duas outras ações culturais do qual o Movimento Canavial também fez parte foram os Festivais Tipoia e Alafiá, que já aconteciam em paralelos aos Encontros de Maracatus e de Caboclinhos.

No ano de 2007, escrito por Afonso Oliveira, teve o lançamento no Estado do Rio de Janeiro o Manifesto Canavial. Na ocasião, acontecia a realização do projeto RioPernambuco.com, onde alguns grupos e manifestações culturais de Nazaré da Mata e outras cidades da Zona da Mata Norte pernambucana participaram do evento. No mesmo ano também houve o lançamento em Pernambuco, durante o Festival Canavial. Objetivamente o Manifesto teve a função de marcar simbolicamente o início do Movimento Canavial.

### 3.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA MUDANDO REALIDADES

A economia solidária surge durante a Primeira Revolução Industrial, em resposta vinda dos muitos artesãos que foram demitidos dos seus postos de trabalho, a partir da instalação de máquinas a vapor. Tanto aqui no Brasil com em outros países essa nova tendência mercadológica trabalhista nasce como uma alternativa para os (as) trabalhadores (as) que diariamente procuram combater as desigualdades oriundas da competição e relação de submissão, resultado do capitalismo.

Definida em três dimensões, a Economia Solidária pode ser classificada em: economicamente, culturalmente e politicamente. O primeiro, diz respeito a forma de realizar atividades econômicas, serviços, comércio e renda por meio da cooperação e democracia, ou seja, aplica-se a autogestão.

Culturalmente, relaciona-se também a forma de consumo local, de maneira altamente saudável e sem agredir o meio ambiente. Já no aspecto politicamente ocorre uma movimentação social que luta por diversas mudanças na sociedade, seja ela urbana ou rural, para que haja um desenvolvimento sem a inspiração e interferência de grandes empresas privadas, mas sim através da construção populacional e dos seus valores.

Em tempos, o desemprego passa por uma oscilação, onde algumas atividades trabalhistas são reinventadas e a maneira de conseguir renda parte da criatividade humana frente a baixa no mercado de trabalho. Especificamente falando de arte e produção cultural no

Brasil, sabe-se perfeitamente o quanto é difícil viver financeiramente da mesma. Porém, com alguns desses avanços no setor cultural a partir de implantação de políticas públicas voltadas a manutenção da mesma, podemos afirmar o Gramsci (1978), dizia:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializa-las’ por assim dizer; transformá-las portanto, em base de ações vitais, em elementos de coordenação e de ordem intelectual e moral (GRAMSCI, 1978: 13).

Para tanto, é preciso ficar atento e tomar o sério cuidado de não cometer o risco de fazer com que a teoria não torne-se prática, objetivamente falando da Economia Solidária, como afirmou Razeto (1993), ao dizer que nem toda economia de solidariedade é popular, assim como nem toda economia popular<sup>19</sup> é de solidariedade.

Em meados da década de 1980, a Economia Solidária ressurgiu com o impulsionamento dos movimentos sociais diante da grave crise que se alastrou no país, resultando num desemprego em massa. Após a abertura do mercado das importações, durante a década seguinte, esse mesmo desemprego teve um significativo aumento no Brasil.

Desde então, a Economia Solidária vem sendo abordada em pesquisas acadêmicas, políticas públicas, rodas de debates e cada vez mais sendo utilizada por trabalhadores (as), desempregados (as) e classes excluídas socialmente.

E foi dessa forma, que muitos dos (as) integrantes do Movimento Canavial se remodificaram em suas realidades cotidianas, na maneira de obtenção de renda. O Movimento Canavial realizou algumas Conferências, com encontros sempre no Engenho Santa Fé, em Nazaré da Mata, para discutir ações e políticas públicas culturais, com o objetivo de implantar ações estruturantes, que posteriormente viesse potencializar o setor criativo da cultura popular local na região.

---

<sup>19</sup>Razeto compreende que a economia popular é composta basicamente de cinco tipos de atividades: 1) Soluções assistenciais, como mendicância de rua, subsídios oficiais para indigentes, sistemas organizados de beneficência pública ou privada orientados a setores de extrema pobreza, etc.; 2) Atividades ilegais e com pequenos delitos, como prostituição, pequenos furtos, pequeno ponto de venda de drogas e outras atividades consideradas ilícitas ou à margem das normas culturais socialmente aceitas; 3) Iniciativas individuais não estabelecidas e informais como comércio ambulante, serviços domésticos de pintura e limpeza, entregadores com locomoção própria, guardadores de automóveis, coletores e vendedores de sucata etc. – algumas vezes vinculados com o mercado formal; 4) Microempresas e pequenas oficinas e negócios de caráter familiar, individual, ou de dois ou três sócios como lojas de bairro, oficinas de costura, bares, biroskas etc. (geralmente dirigidos pelos próprios proprietários, com a colaboração da família) e 5) Organizações econômicas populares: organização de pequenos grupos para buscar, associativa e solidariamente, a forma de encarar seus problemas econômicos, sociais e culturais mais imediatos (geralmente surgidos de paróquias, comunidades, sindicatos, partidos e outras organizações populares) (RAZETO, 1993, p. 36-37).

Figura 21 - III Conferência do Movimento Canavial.



Fonte: Brandão (2011).

Além disso, as reuniões também se voltavam para a elaboração e realização de projetos de promoção econômica, dando a chance destes (as) produtores (as) culturais, artistas dos grupos e manifestações culturais, trabalhadores (as) rurais e corte da cana, serem empreendedores no seu próprio meio entre os (as) moradores (as) do município, gerando renda, oportunidades, inclusão e fazendo com que o desenvolvimento local seja aplicado na localidade ao tornar-se prática recorrente.

### 3.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL MOVIMENTANDO A CIDADE DE NAZARÉ DA MATA

Conforme a Economia Solidária foi ganhando força e se multiplicando no município de Nazaré da Mata, o esperado entre os (as) moradores (as) da região era que o desenvolvimento local<sup>20</sup> acontecesse, o que de fato houve.

Após iniciar-se a crise do modelo de desenvolvimento fordista (Albuquerque, 1998), o desenvolvimento local começou a ganhar visibilidade no seio populacional brasileiro no período da década de 1970.

---

<sup>20</sup>Na visão de Augusto Franco (2000) a definição de local não se refere necessariamente à limitação de um espaço, mas tem um sentido social e territorial, envolvendo o planejamento de um processo de desenvolvimento que pode ser promovido ou induzido.

No ano de 1975, três autores Araújo, Medeiros e Pontes (1996) apresentam a elaboração de um informe feito pela Fundação Dag Hammarskjold, juntamente com o Programa das Nações Unidas para o meio ambiente, onde aborda-se o resultado da crise de desenvolvimento que se alastrou pelo mundo: das desigualdades, frustração da população e do não atendimento às necessidades básicas.

Ao abreviarem o informe, os mesmos pesquisadores (ARAÚJO, MEDEIROS E PONTES, 1996, p.105, grifo dos autores), afirmaram que:

O Informe 1975 defendia que o desenvolvimento é **endógeno** a cada nação, nasce de forças internas da sociedade, cada nação definindo soberanamente seu futuro, sem descartar a cooperação com outras nações que enfrentam problemas similares e têm aspirações. **O desenvolvimento constitui um todo**, com dimensões **ecológicas, culturais, sociais, econômicas, institucionais e políticas**, e a ação a seu serviço deve integrar todas essas dimensões.

Contudo, os (as) integrantes dos grupos e manifestações culturais do município de Nazaré da Mata e cidades vizinhas ao fazerem valer os benefícios e investimentos, oriundos de políticas públicas culturais e editais do fomento públicos e privados, beneficiam outras famílias e moradores (as) da região, ao mesmo tempo que estes mesmos atores sociais também são beneficiados.

Desta maneira, Jesus (2003) ressalta que o desenvolvimento local pode ser entendido como:

[...] um processo mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidades de trabalho e renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria nas condições de vida da população local (JESUS, 2003: 72).

Em contrapartida, podemos encontrar em outros pesquisadores maneiras e conceitos que fortaleçam a forma imaginária que essas pessoas adotaram para suas vidas, por meio da cultura popular e no fazer artístico, resultando no desenvolvimento pessoal, intelectual, social e local, como bem conceitua Coelho (2001, p.57):

O desenvolvimento local como constituição de uma ambivalência produtiva inovadora, na qual se desenvolvem e se institucionalizam formas de cooperação e integração de cadeias produtivas e redes econômicas e sociais, de tal modo que ele amplie as oportunidades locais, gere trabalho e renda, atraia novos negócios e crie condições para um desenvolvimento humano sustentável.

O almejado ou esperado desenvolvimento em áreas rurais, e neste caso específico, em áreas de plantação de cana-de-açúcar, demanda saídas que sejam adaptadas às realidades

locais. Tudo isto envolve a história, a cultura, o contexto do qual essas pessoas estão inseridas econômicas e socialmente. Com base nisso, o mesmo autor Coelho (1996, p.48) diz que o desenvolvimento local é:

Como um plano de ação coordenado, descentralizado e focalizado, destinado a ativar e melhorar as condições de vida dos habitantes de uma localidade, e no qual o desenvolvimento estimula a ampla participação de todos os atores relevantes.

O desenvolvimento local procura construir uma sociedade igualitária que dialogue com as esferas sociais, culturais, econômicas, políticas e ambientais. Segundo Araújo, Medeiros e Pontes (1996, p. 111-113), o conceito de desenvolvimento local constitui-se baseados em quatro eixos básicos:

- a) o desenvolvimento como um processo que integra várias dimensões e que pode combinar eficiência com equidade, isto é, considerar não só os indicadores quantitativos mas também os qualitativos e privilegiar as relações locais;
- b) a nova articulação Estado e sociedade, ou seja, a participação mais ativa da sociedade;
- c) a descentralização do Estado e autonomia local;
- d) A geração de atores locais de desenvolvimento, não só a população e seus representantes, como também indivíduos responsáveis por decisões político-institucionais e técnicos/profissionais comprometidos com o novo estilo de desenvolvimento.

Todavia, são muitos os conceitos e teorias que definem o desenvolvimento local. Muitos aspectos, porém, ultrapassam esses conceitos e definições, destacando-se em especial:

- a) Desenvolvimento Local como processo;
- b) centrado no local e integrado com o global;
- c) participação de atores sociais e institucionais;
- d) finalidade de favorecer a melhoria das condições de vida;
- e) a questão ambiental.

Para tanto, cada localidade apresenta sua especificidade, o que demonstra o leque de diversidade por qual se apresenta e realiza-se o desenvolvimento local nas várias regiões do

país. Por se tratar de área de cultura da cana-de-açúcar, desde o plantio, colheita, moagem e produção de produtos oriundos do mesmo, o município de Nazaré da Mata passou por algumas dessas considerações citadas acima.

Além disso, há uma significativa presença da agricultura familiar e de plantação em larga escala na cidade, o que demonstra o quanto o desenvolvimento local vem se reafirmando nos atuais tempos e abrindo caminho para que se modernize ainda mais seguindo os seus objetivos iniciais.

Como a cultura popular, seja ela denominada pelo maracatu de baque solto (maracatu rural), caboclinho, cirando, coco de roda, bloco rural e outros, já tem uma forte identidade com o município de Nazaré da Mata, ficou evidente a união de afazeres trabalhistas do cotidiano destes (as) moradores (as) da localidade com sua arte, fazendo com que o houvesse e haja em maior ou menor escala o desenvolvimento local.

A abertura de novos editais e políticas públicas voltadas ao meio cultural, assim como o Curso do Método de Produção Cultural na região da Zona da Mata Norte foram algumas das potencialidades vivenciadas e vista na prática de como o desenvolvimento local se aplicou nesta cidade. Eventos e festivais também desta natureza propiciaram novos rendimentos e fez com que a economia solidária alcançasse mais famílias que começaram a ver novas oportunidades surgindo.

Em resumo, o desenvolvimento local foge completamente de uma regra ou modelo econômico que atenda às necessidades do capitalismo. Entretanto, este processo desenvolvimentista do qual é citado no início do parágrafo, busca incluir muitos atores sociais, com características e interesses diversos. Procura movimentar soluções humanas, financeiras e instituições que atendam ao bem estar da sociedade, sendo este em caráter local.

### 3.3 ESPERANÇA E EMPODERAMENTO NA VIDA DE HOMENS E MULHERES TRABALHADORES (AS) RURAIS E DO CORTE DA CANA

O termo empoderamento origina-se no período da Reforma Protestante, liderada por Matino Lutero no século XVI, na Europa, encabeçando um movimento de protagonismo de luta por justiça social (HERRIGER, 1997).

Durante o período da década de 1970, a terminação empoderamento começa a ganhar visibilidade e uso, por meio dos discursos de luta e trabalho dos movimentos sociais, assim como práticas das organizações não governamentais. Desde então ouve-se e utiliza-se o termo

empoderamento sempre que constantemente para referir-se a construções sociais, mediante o poder de resistência na sociedade brasileira.

A produção sobre o tema empowerment ou empoderamento é significativa e se distribui em diferentes disciplinas e práticas profissionais (BAQUERO, 2012).

Outra maneira de estabelecer este termo entre as falas dos atores sociais que tanto a utilizam é fazer o registro da mesma através de conceitos e teorias, coisa que alguns teóricos e pesquisadores diante não começaram a trabalhar academicamente.

Um desses teóricos, diz que: “É um processo em que uma coletividade adquire poder à medida que fortalece laços de coesão, capacita-se e habilita-se para promover seu autodesenvolvimento”, Nascimento (2000).

Outro conceito acerca do que vem a definir o empoderamento, muito em voga no século atual, ressalta que:

O termo empoderamento não tem um caráter universal, tanto poderá estar referindo-se ao processo de mobilizações e às práticas destinadas a promover e a impulsionar grupos e comunidades (no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas), como poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e de mandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc., em sistemas precários, que não contribuem para organizá-los (GOHN, 2004).

Em contrapartida, Antunes (2002) chama a atenção para o empoderamento como forma de combater algumas relações de poder no cotidiano: relações de poder na sociedade, na família, no próprio seio comunitário e nos movimentos e organizações civis. Fazendo com que voluntaria ou involuntariamente a exclusão, por meio da relação de poder, venha a acontecer. Neste caso, o empoderamento surgiu como algo que não se possa fazer pelo outro, mas sim para si mesmo.

No entanto, o empoderamento também apresenta suas características próprias, como bem destacou (SHETTY, 1992):

- Conflituoso, no sentido de que o empoderamento diz respeito a situações de dominação explícitas ou implícitas, sendo, pois, a busca de mudanças nas relações de poder existentes, e a participação nesse processo não pode ser neutra;
- Relacional, pois sempre envolve vínculos com outros atores, não podendo ser analisado em termos atomizados individuais, sendo necessário pensar no tecido de relações de poder nas quais o indivíduo, na sua comunidade, está inserido;

- Holístico, em que o empoderamento implica uma abordagem geral e não um conjunto de inputs; não pode ser limitado às noções de atividades ou aos setores que se desenvolvem nas diferentes etapas de um projeto; é o resultado da sinergia entre o conjunto de atividades e ações;
- Apresenta especificidade contextual, já que o empoderamento só pode ser definido em função do contexto onde a pessoa ou a comunidade está inserida, assim depende de locais específicos em termos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos, assim como uma rede de relações e de conflito de poder específica;
- Está focalizado numa dada realidade, pois é relativo a grupos de excluídos e/ou de pessoas em situação de vulnerabilidade;
- Possui olhar estratégico, ataca causas estruturais e práticas de relações de poder (powerlessness);
- Deve ser fundamentado em um processo dialógico, participante;
- Apresenta orientação ideológica, depende diretamente da percepção que os indivíduos e/ou a comunidade têm de si mesmos, do conjunto dos demais atores sociais e da situação;
- Visa a sustentabilidade no que tange ao triple bottonline (social, econômico e ambiental), sem excluir as demais dimensões da sustentabilidade, gerando processos de controle social.

E foram essas e demais outras características que fizeram dos (as) trabalhadores (as) rurais e do corte da cana-de-açúcar, inseridos nos grupos e manifestações da cultura popular do município de Nazaré da Mata, moradores (as) da mesma localidade, sujeitos de sua própria autonomia e empoderamento social. Tiveram nas oportunidades surgidas, por meio da cultura popular, a esperança renovada em função de dias melhores.

Foi através da cultura popular, e para tanto nos referimos aos maracatus de baque solto (maracatu rural), coco de roda, caboclinho, bloco rural, ciranda, confecção de instrumentos utilizados durante as apresentações dos grupos, composição das vestimentas, utensílios e adereços usados pelos (as) artistas, além do próprio Curso Método Canavial de Produção Cultural que os direcionou e impulsionou para o caminho da captação de recursos, em editais culturais, para seus grupos.

Figura 22 -Edilmo Freitas, Mestre Dé, presidente do Maracatu Águia Dourada, de Nazaré da Mata.



Fonte: Alcântara (2018).

Em suma, falar de esperança no Brasil é falar de um futuro melhor e uma sociedade vivendo igualmente bem em todos os setores da população. Outro aspecto que logo vem à mente das pessoas quando se fala de esperança é o retorno da política no país, pois a expectativa depositada nos gestores e políticos brasileiros fazem com seja depositada uma esperança no íntimo de cada cidadão (ã) do Brasil.

E com estes (as) integrantes do Movimento Canavial não seria diferente no sentido de sonhar e acreditar numa nova esperança que acabara de renascer. Haja vista, que a região do estado onde residem, teve por muito tempo poucas oportunidades de trabalho e renda e a exclusão social foi quase que uma constante na Zona da Mata Norte. Sem falar na educação, algo primordial e essencial na vida de todo e qualquer sujeito social que espera transformar-se através dela, como afirma Freire (1986):

Mudamos nossa compreensão e nossa consciência à medida que estamos iluminados a respeito dos conflitos reais da história. A educação libertadora pode fazer isso – mudar a compreensão da realidade. Mas isto não é a mesma coisa que mudar a realidade em si. Não. Só a ação política na sociedade pode fazer a transformação social, e não o estudo crítico em sala de aula (FREIRE, 1986, p. 207).

Foi o trabalho das organizações não governamentais, atuando como agentes facilitadores do empoderamento nessas comunidades que tornou decisivo facilitar o processo de construção coletiva El-Deir (2013). Assim como as políticas públicas governamentais

durante os anos 2000, que ajudaram a implementar ações benéficas para o setor cultural brasileiro.

Figura 23 - Caboclo de lança posando para foto entre os canaviais.



Fonte: Alcântara (2018).

Todavia, a esperança e o empoderamento como pode ser visto foram e são duas constantes na vida destes (as) moradores (as) do município de Nazaré da Mata, integrantes do Movimento Canavial, protagonista e expectadores de sua própria história. Atuam no espetáculo da vida e na encenação de suas várias histórias. Portanto, são ao mesmo tempo atores e sujeitos sociais de uma realidade que os diferenciam de outras no país, mas que se iguala em muitas quando o assunto diz respeito à construção social de indivíduos dessa categoria.

## CAPÍTULO 4 - PERCURSO METODOLÓGICO

O enfoque utilizado nesta pesquisa foi a análise qualitativa, tendo como objetivo analisar e compreender o impacto como desenvolvimento local, construções e transformações sociais, a economia solidária, políticas públicas culturais, além dos diversos pormenores enfrentados pelos (as) integrantes do Movimento Canavial, sendo estes em sua maioria trabalhadores (as) rurais e do corte da cana-de-açúcar.

Todavia, este estudo também procura oferecer sua contribuição nas futuras oportunidades de mudança que venham a acontecer no cotidiano de trabalho artístico dos grupos e manifestações culturais da Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Na investigação qualitativa é possível observar, por meio da análise e interpretação, algumas relações que dizem respeito ao universo dos seus fenômenos, sua linguagem e para, além disso, o que conduz a dialética desse entendimento (RODRIGUES, 2007).

Pesquisadores como Sampieri, Collado e Lucio (2006), dão uma significativa evidência a pesquisa qualitativa ao afirmarem que:

A abordagem qualitativa pode ser definida como um conjunto de práticas interpretativas que tornam o mundo visível, transforma e convertem uma série de representações sob a forma de observações, anotações, gravações e documentos. É naturalista (porque estuda objetos e seres vivos em seus contextos ou ambientes naturais) e interpretativa (tenta encontrar o significado dos fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhe dão) (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p.50).

Alguns autores consideram a indução como uma das características da pesquisa qualitativa, pelo simples fato de considerarem elementos reservados ao que está sendo pesquisado, para em seguida ter a generalização como resultado do estudo. Para tanto, Gil (1999) argumenta, ao dizer, que essas generalizações devem ser verificadas quando há observações que indiquem a veracidade de fatos que confirmam a pesquisa.

Outro autor como Barbour (2009) apresenta uma nova particularidade, sendo esta fundamental ao método qualitativo que é a importância oferecida ao contexto e aos seus casos, para só então ter um melhor entendimento do que está sendo estudado.

### 4.1 NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

O lugar onde concentrou-se a pesquisa de campo ocorreu no município de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte de Pernambuco, com distância correspondente a cerca de 66Km do

Recife, capital do estado. Embora o Movimento Canavial comporte outros municípios como: Condado, Tracunhaém, Vicência, Buenos Aires, São Vicente Férrer, Aliança, Goiana (atualmente Região Metropolitana do Recife – RMR), Nazaré da Mata foi a região escolhida como locus da pesquisa por ser berço deste coletivo que deu origem ao Movimento Canavial, como também é considerada a Terra dos Maracatus.

Figura 24- Apresentação dos Caboclos de Lança durante o carnaval.



Fonte:

**Figueiroa (2016).**

O Movimento ou Método Canavial desde a sua formação, início dos anos 2000, reuniu muitos dos artistas e integrantes da cultura popular da região da Mata Norte, na sua maioria agricultores (as) familiares, trabalhadores (as) rurais, cortadores (as) de cana-de-açúcar, assim como continuou agregando ao coletivo outros membros que já praticavam a arte da cultura regional em Nazaré da Mata e cidades mencionadas no primeiro parágrafo deste tópico.

O município de Nazaré da Mata encontra-se numa área onde um dos grandes produtos da economia local e pernambucana foi a cana-de-açúcar. Logo em seguida, as usinas e engenhos apontaram na região desde a construção histórica do município e suas cidades

circunvizinhas. Por ser uma localidade considerada rural, a agricultura foi e é outro ponto forte nas redondezas da Mata Norte.

Algumas indústrias também se instalaram na cidade, aumentando o poder econômico na região e fortalecendo o desenvolvimento local entre os (as) moradores (as) do município. À medida que os anos foram se passando, o comércio teve um significativo crescimento após o mercado de calçados, laticínios e alimentos (aguardente) tomarem conta dos estabelecimentos nas vendas e varejo local.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Nazaré da Mata compreende uma área de 130,572 km<sup>2</sup> (2016), com uma população estimada em 32.280 pessoas (2017) e a densidade demográfica em torno de 204,95 hab./km<sup>2</sup>. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), realizado no último censo (IBGE, 2010) revelou 0,662 para a cidade.

Grande parte destas manifestações culturais é composta por sujeitos sociais, que residem no município, muitos deles (as) trabalhadores (as) agricultores (as) rurais, do corte da cana de açúcar ou interessados (as) em participar do curso oferecido pelo Movimento Canavial, o Método Canavial. Todavia, as comunidades que estiveram e estão envolvidas nas diversas ações do Movimento Canavial são múltiplas: rurais, quilombolas, ribeirinhas, indígenas, da periferia, interioranas, urbanas (GOVERNO FEDERAL, 2007).

No ano de 2015, o percentual de pessoas com ocupações no município foi de 14,7% e o salário médio mensal era de 1.6 salários mínimos. Analisando os domicílios, que em sua maioria possuíam renda mensal de até meio salário mínimo (48% da população), Nazaré da Mata encontra-se no ranking da posição 131 de 185 entre as cidades do Estado de Pernambuco.

## 4.2 O UNIVERSO PESQUISADO

Os sujeitos da pesquisa, do qual ocorreu no município de Nazaré da Mata, foram com 10 integrantes do Movimento Canavial, entre homens e mulheres, cada um atuante de alguma maneira (função) dentro do coletivo da cultura popular da região. Alguns dos entrevistados são trabalhadores rurais ou cortadores de cana-de-açúcar.

Figura 24 - Realização de entrevista semiestruturada



Fonte: Autor (2017)

Nesta etapa não foi estabelecido um número exato para cada gênero (masculino e feminino). À medida que foram surgindo indicações de possíveis entrevistados (as), as perguntas foram feitas aos membros do Movimento Canavial.

Quadro 2. Entrevista Semiestruturada com os integrantes do Movimento Canavial (idades)

Entrevistado (a)	Gênero		Faixa etária
	Masculino	Feminino	
I	x	x	Entre 30 e 65 anos
II	x	x	
III	x	x	
IV	x	x	
V		x	
VI		x	
VII			
VIII			

Fonte: Autor (2018).

Seu recorte tem início no começo dos anos 2000, período este onde a economia no país começou a dar alguns passos para frente, e significativos investimentos foram direcionados para o Ministério da Cultura (Minc), beneficiando a cultura brasileira no seu geral. É nesta década que também surge o Movimento Canavial na Zona da Mata Norte de

Pernambuco, objetivando organizar os grupos e manifestações culturais da região e ao mesmo tempo fazer destes (as) sujeitos (as) agentes da sua própria autonomia na produção cultural.

#### 4.3 SUJEITOS PESQUISADOS

Laville e Dione (1999), dizem que durante a coleta de dados e a pesquisa de informações, de acordo com a natureza dos fenômenos e universo pesquisado, é necessário ter a consulta documental sobre o objeto de pesquisa, a observação, neste caso, a participativa, e por último, interrogatório dos (as) sujeitos submergidos no elemento. Dois importantes instrumentos foram utilizados durante a pesquisa para se obter a coleta de dados: a entrevista semiestruturada e a pesquisa documental.

A pesquisa documental ocorreu por meio de consultas em livros, artigos, dissertação e uma revista, além de sondagens em sites e blogs de publicação cultural e jornais de grande circulação no estado.

Já a entrevista foi caracterizada pelo contato direto entre pesquisador (mestrando) e os entrevistados (integrantes do Movimento Canavial), objetivando coletar informações e elementos ricos e matizados (CAMPENHOUDT; QUIVY,2005).

A entrevista semiestruturada foi uma escolha coerente, por se tratar de um tema específico, onde são analisadas algumas características: ponto de vista, impactos, funcionamentos, sistemas de valores, leituras que estes (as) sujeitos (as) fazem da própria vivência, além de outras propriedades (CAMPENHOUDT; QUIVY,2005).

Ainda referindo-se a entrevista semiestruturada, a mesma parte de alguns questionamentos, ancorados em teorias que valorizam a pesquisa. Desta feita, abre-se um campo de interrogativas, surgidas ao longo da conversa como respostas obtidas dos (as) informantes, para então, desenvolver o conteúdo da pesquisa. Portanto, valoriza-se o trabalho do pesquisador e o momento ainda permite aos entrevistados, segurança e conforto, para que se sintam à vontade e com isso a pesquisa ganhe enriquecimento (TRIVIÑOS, 2008).

#### 4.4 CARACTERÍSTICAS DIÁRIAS DO COTIDIANO

Estes(as) integrantes do Movimento Canavial, moradores do município de Nazaré da Mata, espalhados por seus diversos bairros da região, vivem uma rotina semanal e diária, conciliadas entre o trabalho fora de casa, o qual lhes trazem renda e sustento familiar, e as

atividades domésticas, no que diz respeito a organização com os membros da família. Para muitos destes(as), a jornada de trabalho começa muito cedo, logo nas primeiras horas do dia.

Os que ainda não trabalham, dividem suas etapas do dia a dia entre os estudos, cursos e outros afazeres que venham a fazer parte do sustento familiar, além de participarem também dos grupos e manifestações culturais da cidade, enquanto inseridos em alguma brincadeira. Tudo isto ocasiona uma ampla e complexa dinâmica de vida diária, resultando no que aponta (Laraia, 2001), como reflexo das relações sociais, expressadas na cultura e identidade deste povo.

Para Laraia:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos [...], esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (LARAIA, 2001, p. 65).

Embora, exista um fator, neste caso o Movimento Canavial, em suas variadas formas de práticas culturais que liguem todos os envolvidos, é certo que ter uma ocupação trabalhista nas suas trajetórias diárias, podendo esta ser conciliada com os ensaios e apresentações de Maracatu Rural, Caboclinho, Ciranda, Coco de Roda e outros, torna-se uma forma de garantia da sobrevivência e sustento familiar.

É possível encontrar no cotidiano destes(as) artistas populares, afazeres como: bordado de golas do maracatu, costuras, confecção de bandeiras e outros itens que compõem os acessórios das brincadeiras, manutenção dos instrumentos, dentre outras coisas do trabalho artístico. Daí, compreende-se que a noção de cultura passada de geração para geração é nitidamente aplicada e naturalmente estabelecida no cotidiano deste(as) sujeitos(as), que residem no município de Nazaré da Mata, tendo assim a transmissão de saberes uma de suas características.

Giddens (2005), referente a essa transferência de saberes diz que:

A cultura de uma sociedade compreende tanto aspectos intangíveis – as crenças, as ideias e os valores que formam o conteúdo da cultura – como também aspectos tangíveis – os objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo. (GIDDENS, 2005, p. 38).

Ainda com relação as tarefas e modos de vida, durante os dias que seguem a semana, meses e ano, todos esses(as) integrantes do Movimento Canavial dedicam-se as suas atividades e tarefas diárias: trabalho, afazeres domésticos, consultas médicas, cuidados com os(as) filhos(as) menores de idade, ensaios e dedicação a manutenção e confecção a tudo que diz respeito ao brinquedo do qual participam.

Suas apresentações são verdadeiras sincronias de ritmos, danças e toques, que obedecem coreograficamente o trajeto do cortejo até o local final de apresentação. Também é possível encontrar nestes momentos, uma variedade de cores reluzentes que abrilhantam todos(as) aqueles(as) que compõem os Maracatus Rurais, Caboclinhos, Cirandas, Coco de Roda, Bloco Rural e outros.

Estes(as) brincantes sempre que vão para uma apresentação sempre andam juntos e unidos, e para o deslocamento dos grupos geralmente utilizam como transporte ônibus alugados para o serviço do mesmo. As mulheres, assim como os homens, ajudam-se uns aos outros, no que se refere a preparação com as vestimentas, maquiagens, afinação dos instrumentos, carregamento de adereços e outros.

Todavia, essas e outras características se apresentam para estes(as) trabalhadores(as) rurais e do corte da cana de açúcar, integrantes deste grupos e manifestações populares, cotidianamente, como forma de resistência e preservação de suas tradições culturais. Esses homens e essas mulheres vivenciam no dia a dia a magia e o encanto dessas brincadeiras milenares e para tanto, conduzem suas vidas de maneira a transmitirem seus saberes e passá-las às próximas gerações.

#### 4.5 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Esses sujeitos na sua maioria se caracterizam como trabalhadores (as) rurais, alguns oriundos e outros ainda permanecem no trabalho do corte da cana-de-açúcar, e por fim possuem pouca ou quase nada no que se refere a escolaridade. Alguns já possuem nível superior e para tanto, ocupam atividades ocupacionais melhores. Desempenham estas funções, no trabalho com a terra desde muito cedo, e com isso, trabalhar para ajudar no sustento familiar sempre foi a prioridade inicial na rotina destes (as) homens e mulheres do município de Nazaré da Mata.

Estes (as) integrantes do Movimento Canavial também se caracterizam como pessoas bastante humildes, que vez ou outra encaram uma entrevista, por parte de algum veículo de imprensa ou simplesmente se encontram no cerne de uma pesquisa acadêmica, haja vista que já houveram outros estudos dialogando no mesmo sentido de buscar falar academicamente como, onde e a partir de quando estão se dando essas mudanças sociais, por meio da cultura.

Um das grandes característica dessa gente é garra no que diz respeito a serem considerados um povo trabalhador. Muitos levantam bem antes do raiar do dia e enfrentam

uma jornada semanal de trabalho intensa. E ainda assim encontram disposição, força e esperança para levarem adiante uma tradição de vem de seus antepassados.

## CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS

Nesta etapa, serão analisados os instrumentos coletados no período em que se deu a pesquisa, bem como foram definidos nos objetivos da investigação. Para tanto, será utilizada a Análise do Discurso (AD), ancorada no referencial teórico de Orlandi, com base nos depoimentos fornecidos pelos sujeitos sociais da pesquisa, durante as entrevistas semiestruturadas. Conseqüentemente, uma análise onde “a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2000, p. 25).

Sampieri; Collado; Lucio(2006) resumem a prática da análise de dados no processo da pesquisa qualitativa, como sendo um espiral, por apresentar-se de diversas formas e maneiras quando se referi ao mesmo objeto de estudo, portanto, não é um procedimento de estagnação, ambas, tanto coleta quanto análise de dados acontecem paralelamente.

Para (Orlandi, 2000), a Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação.

Ao analisar as interpretações contidas no texto, (Orlandi, 2000) procura ir mais além, observando ao máximo os significados destas transformações sociais sem se prender a apenas um único modelo existencial que lhe dê sentido:

“Por isso distinguimos entre o dispositivo teórico da interpretação, tal como o tematizamos, e o dispositivo analítico construído pelo analista a cada análise. Embora o dispositivo teórico encampe o dispositivo analítico, estamos pensando no dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista em uma análise específica”. (ORLANDI, 2000, p. 27).

Para (Chauí, 2007), existe o chamado discurso competente, onde esses sujeitos sociais estão aptos, ou melhor, autorizados a proferirem, ouvirem e serem aceitos, a partir do discurso de suas falas:

O discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado (estes termos agora se equivalem) porque perdeu os laços com o lugar e o tempo de sua origem. Assim, não é paradoxal nem contraditório em um mundo como o nosso, que cultura patologicamente a cientificidade, surgirem interdições ao discurso científico. (CHAUI, 2007, p. 19).

Na obra “O que é cultura?”, (Santos, 2007), discorre sobre a importância reflexiva do discurso e seu poder mediante a cultura:

Se insistirmos em relativizar as culturas e só vê-las de dentro para fora, teremos de nos recusar a admitir os aspectos objetivos que o desenvolvimento histórico e da relação entre os povos e nações impõe. Não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a façam superior a outras. Existem, no entanto, processos históricos que relacionam e estabelecem marcas verdadeiras e concretas entre elas (SANTOS, 2007: 16).

Para Orlandi (2000) existem três áreas do conhecimento reunidas na Análise do Discurso, articuladas contraditoriamente, são elas: a teoria da sintaxe e da enunciação; a teoria da ideologia e a teoria do discurso. Este último é quem determina historicamente os processos de significação.

Para estes sujeitos sociais, protagonistas e expectadores de sua própria história, ter em mente e na palavra um discurso coerente com o que vivenciam é de fato motivo de significativa comparação com os anos anteriores, quando não detiam expressivas transformações no fazer artístico e cultural. E nem tampouco tinham recursos intelectuais e materiais, que posteriormente resultariam em formas de sentido:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros (ORLANDI, 2000, p. 39).

As análises dos dados foram dadas da seguinte maneira: por meio das mensagens discursivas, fornecidas nas entrevistas semiestruturadas, identificando as mudanças e apropriações sociais; avaliação da percepção destes (as) agentes e a verificação dimensional dos resultados. Tudo isto, relacionado aos trabalhadores (as) rurais e do corte da cana-de-açúcar, integrantes do Movimento Canavial no município de Nazaré da Mata/PE.

Todavia, estas mencionadas análises citadas acima se referem ao que diz respeito sobre o Movimento Canavial e o Desenvolvimento Local.

## 5.1 O MOVIMENTO CANAVIAL EM NAZARÉ DA MATA

Muitos dos grupos e manifestações da cultura popular da Zona da Mata Norte de Pernambuco já desenvolviam suas atividades artísticas e culturais de forma espontânea e quase sempre à espera de um incentivo ou ajuda financeira por parte da gestão municipal. É quando no início dos anos 2000, o produtor artístico e cultural, Afonso Oliveira decide frequentar a região e por meio de suas andanças nos municípios das áreas açucareiras, verifica

de perto o potencial existente em cada grupo de maracatu de baque solto, caboclinhos, cirandas, coco, blocos rurais, dentre outros artistas.

Após sua estadia na cidade de Nazaré da Mata, Oliveira começou reunir toda essa gente e foi então que veio a ideia de capacitar os próprios brincantes e integrantes destas manifestações. Surge o curso Método de Introdução a Produção Cultural, no qual mestres e mestras, dançarinos e dançarinas, bordadeiras, músicos, diretores, cantores e cantoras, tornassem-se produtores culturais. E partir daí, os mesmos estavam habilitados para escreverem e submeterem seus projetos em editais culturais (estaduais e nacionais), além de pleitearem apoio ou ajuda financeira das gestões municipais (secretarias de cultura).

Todavia, todos (as) os (as) entrevistados (as) foram unânimes em afirmar que as prefeituras e órgãos competentes para o assunto pouco ou quase nunca voltavam-se o olhar e a necessidade de investimentos para a cultura da região. Vez ou outra acontecia de um político ou secretário de cultura reconhecer que era necessário investir na cultura popular local que há anos vinha construindo a identidade do município, como bem relata uma das entrevistadas:

eu não tenho esse conhecimento de antes, porque eu já vim pra cá em dois mil e doze, assim, eu digo Nazaré da Mata né, e região também fica mais complexo ainda pra eu relatar alguma coisa, então como eu não tinha vivência antes de entrar no Movimento Canavial, eu não sei muito o que é que existia antes dele, mas eu sei que não era muito, porque o Movimento Canavial foi uma revolução né, pra todo mundo, inclusive pra gestão pública né, porque as parcerias com o Movimento, com os produtores, com as pessoas, com os captadores né, que fazem parte do Movimento Canavial, com os produtores culturais, o que se tinha aqui, que eu não sei exatamente a proporção do que era, mas com certeza ganhou proporção né, com as pessoas se capacitando, com as pessoas estudando, com as pessoas procurando melhorar aquilo que já faziam, mas realmente eu não sei, mas eu acredito que não era totalmente obsoleto, morto, a cultura popular daqui, porque eu sei que antes de eu vir pra cá, tinha um prefeito né, que fazia...tava gerindo Nazaré da Mata, chamado Jaime Correia, que ele é bem envolvido ( DEPOIMENTO DA ENTREVISTADA C).

É perceptível ver neste depoimento acima o quanto a entrevistada explana em seu discurso a potencialidade artística e cultural que Nazaré da Mata carrega em sua gênese. Em contrapartida, percebe-se que o trabalho não seria o mesmo se não houvesse parcerias entre o Movimento Canavial, seus produtores culturais e as esferas públicas. Além do que, algo que o próprio curso mencionado anteriormente possibilitou a esses (as) agentes culturais, serem seus próprios gestores e produtores nos editais voltados para o financiamento dos projetos culturais.

Outros depoimentos, mesmo tendo acontecido em dias alternados e em diferentes residências, acabaram havendo semelhança no que diz respeito ao apoio e incentivos que os grupos e as manifestações culturais da região recebiam do poder público municipal para

realização de algum evento ou mesmo acontecimentos proporcionados pelo Movimento Canavial nos períodos carnavalescos, datas comemorativas e durante os outros meses do ano:

oia, tinha o Encontro Banguê, mas esse Encontro Banguê era o seguinte, só era um maracatu de cada vez no ano, de ano em ano esse movimento, e era aquele movimento fraco, pequeno, não era aquele movimento que nem o Canavial, que traz milhares e milhares de atrações, o Banguê trazia, daqui de Nazaré da Mata, um maracatu...ou o Ticuqueiros, que é da cidade, ou uma ciranda daqui da região, mas o resto tudo era de fora, de Carpina, Recife, Paudalho, que era cantores que já vieram fazer parte do Banguê, de fora, e daqui de Nazaré, provavelmente só eram maracatu, ou uma ciranda, ou um coco, pronto, só isso ( DEPOIMENTO DO ENTREVISTADO E).

De acordo com (Orlandi, 2000), os discursos são constituídos, dentro das condições de produção, funcionando segundo certos fatores existentes. Como é possível observar o discurso produzido pela citação do último entrevistado. E para tanto, a autora ainda aponta para a relação de sentidos entre eles:

um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2000, p. 39).

Contudo, observou-se que mesmo tendo pouca informação, alguns entrevistados, sobre as regras que regem os incentivos e apoio, voltados às políticas públicas culturais, o sentimento de consciência de que quase nada era feito no passado, pouco se tem feito no presente e muito há de se fazer no futuro, permeiam a mente e o imaginário de todos (as) entrevistados (as) do Movimento Canavial.

Outra observação, que vem a dialogar perfeitamente com este sentido, é ver o quanto os (as) envolvidos (as), além de outros que não participaram das entrevistas, expressam claramente o seu sentimento de pertencimento e dedicação ao que fazem artisticamente.

## 5.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL EM NAZARÉ DA MATA

No quesito Desenvolvimento Local, todos (as) dez entrevistados (as), integrantes do Movimento Canavial, relataram, quando perguntados, de que após participarem do curso “Método Canavial de Introdução à Produção Cultural”, realizado no município de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte de Pernambuco, tornaram-se produtores (as) culturais e a partir de então estavam aptos a buscarem recursos financeiros, por meio de editais, que posteriormente iriam financiar as suas próprias manifestações culturais.

Desta forma, esses (as) integrantes começaram a dar seguimento ao que aprenderam e muitos outros eventos e festas, ligados a cultura popular na região, foram surgindo no município (Festa de Terreiro, Mostra Canavial, Festival Canavial, Encontro de Cultura Popular, Oficinas de Confecções de adereços e figurinos do maracatu, assim como transmitir o ensinamento das danças de cavalo-marinho, caboclinho, ciranda e outros).

Também é importante frisar o que todos (as) entrevistados (as) relataram sobre o desenvolvimento que suas vidas tiveram, e aqui trazemos nesta análise, o Desenvolvimento Local, é que houve uma significativa ou considerável mudança, tanto socialmente quanto na aquisição de bens materiais, antes inacessível, e consumo de alguns produtos que passaram integrar o cotidiano de suas moradias:

muita coisa mudou, financeiramente, e também como ser humano né, como indivíduo, porque eu me senti integrada a alguma coisa, fazendo parte na verdade, importante na construção de alguma coisa muito grande, porque até então eu tinha trabalhado já no Movimento, mas com pequenas ações né, nunca tinha me empoderando tanto do que o Movimento poderia trazer, poderia possibilitar, depois que eu fui pra agência, foi que eu tomei conhecimento da grandeza que é o Movimento, porque até então não tinha me aprofundado muito nessa gestão né, porque eu não tava junto das pessoas que coordenam, quando eu vim pra cá em dois mil e doze foi que eu tomei conhecimento do potencial que eu podia desenvolver aqui...mas financeiramente foi um divisor assim, uma mudança muito drástica na minha vida, de forma positiva né, porque até então, antes do Movimento, antes de tá morando aqui né, porque tudo muda quando eu vim morar aqui, antes de morar aqui eu não tinha bens meus né, e hoje eu tenho né, eu tenho uma casa...eu tenho uma renda que possibilita a manutenção né da minha vida, que antes eu não tinha, não tinha essa/ na verdade eu não tinha a visão, hoje em dia eu tenho uma segurança porque eu me sinto segura aqui... (DEPOIMENTO DA ENTREVISTADA C).

Em posse de um discurso que transmite segurança, veracidade e outras formas de mostrar o que venho a mudar em suas vidas, esses (as) integrantes do Movimento Canavial passam a se sentirem incluídos numa nova posição social e porque não também dizer, financeira, antes nunca vivenciada pelos mesmos, sendo como cortadores (as) da cana-de-açúcar, agricultores rurais e artistas da sua própria arte:

eu só não acredito, como ele é, o Movimento Canavial, ele tem transformado a economia, a vida das pessoas, a realidade de uma região e sobretudo, que eu acho que a grande ideia desse Movimento é a gente trazer a auto estima dessas pessoas, a gente tem que lembrar que vive numa região de uma economia da monocultura, de uma economia que/ de uma intolerância religiosa, então são pessoas que vivem carregando uma história secular, mas que vive no meio de um princípio da intolerância, mas quando eles conseguem se mostrar, a caminhada que já deram né, o pontapé inicial já dessa esse dessa poucas décadas que ele pode fazer, acho que já dá uma transformação na comunidade, já dá uma transformação para os próprios autores envolvidos dentro da própria relação (DEPOIMENTO DO ENTREVISTADO F).

Como pode-se observar nos relatos de alguns dos (as) entrevistados (as), o Desenvolvimento Local é expressado através dos discursos, como também das experiências de vida. Tornar-se parte de uma cultura popular que há anos vem lutando e resistindo para se manter firme e presente no cotidiano do cenário cultural pernambucano é algo que do mesmo modo os fazem sentir-se orgulhosos (as) por avançarem positivamente na história da cultura de Pernambuco.

Os depoimentos mostram que a luta no trabalho diário, nos afazeres domésticos, na labuta entre o corte da cana-de-açúcar e a agricultura familiar, aliados ao envolvimento com a arte, os grupos e manifestações populares da sua cultura, fizeram e fazem desta gente, chegarem ao patamar de reconhecimento de uma cultura rica e tradicional, tanto no Estado de Pernambuco quanto nacionalmente. E isso, (Orlandi, 2000), diz que nas relações de discurso e nas imagens podem existir semelhanças de poder, daí temos os (as) brincantes funcionando como produtores discursivos permeando a formação imaginária:

Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias (ORLANDI, 2000, p. 40-41).

Deste modo, são esses “operários”, citados pela autora que hoje permeiam a realidade imaginária do município de Nazaré da Mata e região da Mata Norte. Porém, como operários de uma fábrica de sonhos, construída há anos atrás, quando o Maracatu de Baque Solto (Maracatu Rural), a Ciranda, o Caboclinho, o Coco de Roda, o Bloco Rural e outras manifestações da cultura popular desta localidade ainda não existiam em sua total constituição.

Todavia, essa gente também carrega uma consciência de que muito ainda precisa e há de ser feito em nome da arte. O seguimento da cultura no Brasil não é uma prioridade, dentre outros que também deveriam ser, nem tão pouco algo reconhecidamente como um meio de movimentar a economia do país.

Em busca de melhorias na produção cultural, surge o Movimento Canavial, fazendo a diferença e plantando esperança nos corações de quem já vinha atuando nesta realidade. Durante o processo das entrevistas semiestruturadas, quando perguntados sobre de como sua relação com a cultura popular e suas próprias vidas passaram a ficar depois do Movimento Canavial, todo foram unânimes em afirmarem haver sim diferença. Como é possível ver no relato abaixo:

O Movimento Canavial pra mim é um:...sabe? É meio difícil definir, mas o que eu posso dizer é que é um...um grande caldeirão de...de essências, acho que é um monte de coisas, ideias e movimentos e articulações e pensamentos que acontecem simultaneamente, dentro de uma grande região que tem dezessete cidades, mas que se estende à outras regiões, que se estende a outro olhar, pra outros países, mas falando da essência eu acho que é um grande caldeirão assim, sabe? Que tá fervendo várias ideias, e que é sempre ativo (DEPOIMENTO DO ENTREVISTADO F).

Outro ponto observado é constatar o impacto desses acontecimentos tornando-se realidade no dia a dia, e dessa forma, transformando o cotidiano dessa gente através do desenvolvimento local. Em paralelo a isso, ou melhor dizendo, dialogando e criando um conjunto do que já fazem, alguns destes integrantes do Movimento Canavial receberam convites para desempenharem atividades relacionadas ao que exercem artisticamente:

...eh...dentro do Movimento Canavial eu acabei adquirindo bastante experiência como produtora cultural e...acabo trabalhando fazendo algumas assessorias, algumas consultorias eh...dentro de execuções de alguns projetos de alguns amigos que não tão diretamente envolvidos com o Movimento Canavial, mas que são envolvidos com alguma outra...determinada área da cultura, então hoje o meu o meu envolvimento fora o Movimento Canavial...tem sido com a equipe do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, MAMAM, no Recife, hmm...auxiliado dando dado algumas consultorias pros projetos de produção né, de lá do Museu...eh...eu integro um coletivo de mães feministas que também acabo levando pra dentro dele, a minha experiência, enfim, como mãe, como mulher, como feminista, mas também como produtora cultural né, e a gente tá/ a gente tem executado alguns projetos, eu tenho auxiliado nessa parte administrativa, numa consultoria, na consultoria de execução...mas basicamente mesmo fora da região, o meu envolvimento com outras ações, ainda assim, tão muito ligado ao Movimento. eh...porque acaba sendo ponte pra parcerias dessas atividades, e como é com o MAMAM acaba se tornando uma ponte e com outros municípios. Agora a gente vai realizar um curso em Olinda, mas é do Método Canavial, método que a gente né, criou e conseguiu solidificar aqui na região e conseguiu resultados muito positivos. Então eu tenho um parceria, uma relação com Olinda, mas que é a partir nessa ponte do Movimento Canavial (DEPOIMENTO DA ENTREVISTADA E).

E o contato com essas experiências acabaram se multiplicando no decorrer dos outros relatos e conversas durante a entrevista semiestruturada:

sim né, eu...além do de tá envolvido né, tema questão de projetos que a gente faz, que elabora, não tive ainda a sorte de aprovar algum, mas aí não desisto né, e vou tentando a fazer, mas além de tá produzindo esses projetos, também tem uma questão da rádio né, onde eu também desenvolvo a produção cultural através dos programas educativos, programa também de cultura, a gente tem programa Aqui Cultural, onde eu sou a produtora desse programa, eu elaboro, eu crio, eu faço a pauta, eu convido os entrevistado, então é uma forma também de aprende a fazer produção (DEPOIMENTO DA ENTREVISTA G).

E os relatos prosseguem:

Atualmente eu trabalho com comunicação, trabalho no setor de rádio e jornalismo da prefeitura do Recife, mas aí eu faço trabalhos de comunicação e assessoria de imprensa pra projetos sociais, recentemente fiz pra dois do Funcultura...é basicamente isso nesse momento (DEPOIMENTO DO ENTREVISTADO F).

Quanto ao desenvolvimento de vida que essas pessoas tiveram, a tradução fica mais de se compreender quando os mesmos mencionam o fato de possuírem uma renda extra, fruto de suas atuações no Movimento Canavial, por meio de algum projeto. Neste caso, poder-se-ia chamar isto de distinção, o que é produzido discursivamente que se origina em produto.

As distinções que estamos propondo estabelecem uma relação entre texto e discurso que tem uma sua contraparte na que fazemos entre autor e sujeito. O sujeito, diríamos, está para o discurso assim como o autor está para o texto. Se a relação do sujeito com o texto é a dispersão, no entanto a autoria implica em disciplina, organização, unidade (ORLANDI, 2000, p. 73).

Quanto ao desenvolvimento local, haja vista as mudanças pelas quais passaram após obterem uma renda extra, por meio das apresentações dos grupos artísticos, oficinas e produção de algum material para ser vendido ou distribuído, eis algumas declarações:

Sim, com certeza...ajuda bastante, é...é muito bom você saber que com aquilo, com o projeto que você fez, tá lhe ajudando financeiramente...hoje eu tenho um carro, talvez se eu não tivesse feito parte do Movimento Canavial, eu não teria, eu guardei isso pra mim, eu já reformei boa parte da minha casa...é muito bom (DEPOIMENTO DA ENTREVISTADA B).

Em contrapartida, este desenvolvimento local também se deu forma simbólica, intelectualizada. Como o testemunho a seguir mostra:

uma das grandes coisas que eu consegui mudar foi a minha concepção em relação à cultura popular, cultura como manifestação, arte e memória, e não como manifestação religiosa, acho que isso foi uma coisa que eu tinha ciência, mas eu não tinha vivência, que são coisas bem distintas, e essa vivência me trouxe uma relação histórica, de memória, de preservação, de continuidade, e sobretudo de envolvimento né, porque não basta ter, nós conhecer, e não se envolver, e essa relação de proximidade, envolvimento, me trouxe um agregamento muito grande pra depois da participação no Movimento Canavial (DEPOIMENTO DO ENTREVISTADO F).

E o mesmo ainda prossegue, ao declarar se essas mudanças se dariam na sua realidade e na realidade dos demais integrantes do Movimento Canavial, caso o coletivo não existisse:

Poderia acontecer e não poderia acontecer, pelo seguinte aspectos, o fato de eu ter a vivência, talvez eu acho que isso me colocou de forma mais principiante diante dos experimentos, todavia pelo fato de eu estar dentro de uma organização isso ficou mais latente, mais próximo, eu poderia até hoje voltar e fazer esse caminho de volta, procurar, acho que seria sim possível, porque o Movimento abraça todas as pessoas que queiram colaborar, mas talvez os encaminhamentos do ponto de vista do que fazer, como fazer, eu acho que isso ficava muito eh distante do que eu vivi e do que eu teria prospecção em busca do que fazer né, então quando eu me encontrei dentro do Movimento, eu comecei a me articular o que é que eu tenho, como é que eu posso colaborar, acho que foi mais dentro dessa lógica colaborativa que depois foram se aperfeiçoando, se aperfeiçoando, e buscando profissionalismo (DEPOIMENTO DO ENTREVISTADO F).

Assim como outros relatos mostram o que para além do financeiro o Movimento Canavial trouxe para o cotidiano dos que foram entrevistados:

...é, hoje eu acredito que sim, porque eu acho que é muito pessoal né, de como você vê o mundo, eu acho que eu não me limito assim, de que não aconteceria, aconteceria, você pode ter as coisas na sua vida de várias formas né, mas esse foi o meio que eu encontrei pra fazer isso, foi a forma que eu encontrei né...foi o ambiente propício, foi o ambiente que eu me achei né, que eu me encontrei, foi a possibilidade que eu tinha, que eu tenho, porque eu tô aqui hoje, então pra mim é a minha possibilidade hoje, o Movimento Canavial, assim, eu vejo como uma possibilidade de crescer, de prosperar... (DEPOIMENTO DA ENTREVISTADA C).

Outros se detém a falar das mudanças que o retorno financeiro trouxe para suas vidas:

Mudou muita coisa, porquê, eu vou explicar uma questão, todo trocado que vem, seja lá que for do Movimento Canavial, ou de outro movimento, é bem-vindo ao maracatu, porque agente trabalha independente do da ajuda que entrar, agora mesmo, esse evento que teve agora em/ do Festival canavial, foi uma maravilha, a gente temos só temos a agradecer ao pessoal, como eu já disse, que a gente pega esse dinheiro, investe ele todo no maracatu, que a gente senão investir vai sair com a mesma cara do ano que vem, esse do ano pro outro seguinte, então a gente só tem a agradecer, o evento cultural Canavial veio de boa hora, muito boa hora mesmo, se todo ano tivesse um ou dois seria melhor ainda pra pros evento aqui da região, e outra coisa, se o da gente se sente feliz, se sente realizado, já imaginou outros grupos pequenos também, que fazendo parte desse Encontro Canavial? Seria uma maravilha (DEPOIMENTO DO ENTREVISTADO E).

Alguns depoimentos falam da questão dos incentivos que haviam antes ou não, referente a cultura popular local, como é possível observar neste relato:

Não, eu acho que o Canavial, né esse pessoal do Canavial não, que eu também fiz muitos projetos, aí depois, a cidade, sobre cidade, não é que a gente teve essas coisa toda, eu tive uma/ agora eu volto atrás né, tive uma evolução que, através do meu nome, porque nem o maracatu, porque eu sou do maracatu, mas eu já fui pra São Paulo diversas vezes, mas não com maracatu, eu fui só...a convite de Siba, a convite de Antônio de Nóbrega, a convite de Salustiano, outros e outros assim, mas com maracatu eu nunca fui, eu queria um dia ter o prazer assim; eu vou levar o maracatu pra São Paulo, entendeu? aí teve aqui, um prefeito aqui, que incentivou muito a cultura, foi Jaime Correia, depois veio Ninho, depois veio Nado...Nado também...fez um projeto aí, que até aqui não saiu, não sei porquê, projeto Patrimônio Vivo, que não era obrigado você votar em mim, ou votar em/ eu queria que saísse de lei, tá lá aprovado já, e não foi pronto em prática ainda, mas também me ajudou muito, prefeito Nado me ajudou muito, entendeu? né político não, mas me ajudou muito...agora aqui a gente fez umas/ tem coisa aí que a gente tem que melhorar muito na política, em Nazaré, e... (DEPOIMENTO DO ENTREVISTADO G).

E outros depoimentos ainda reforçam:

Eu não tenho esse conhecimento de antes, porque eu já vim pra cá em dois mil e doze, assim, eu digo Nazaré da Mata né, e região também fica mais complexo ainda pra eu relatar alguma coisa, então como eu não tinha vivência antes de entrar no Movimento Canavial, eu não sei muito o que é que existia antes dele, mas eu sei que não era muito, porque o Movimento Canavial foi uma revolução né, pra todo mundo, inclusive pra gestão pública né, porque as parcerias com o Movimento, com os produtores, com as pessoas, com os captadores né, que fazem parte do

Movimento Canavial, com os produtores culturais, o que se tinha aqui, que eu não sei exatamente a proporção do que era, mas com certeza ganhou proporção né, com as pessoas se capacitando, com as pessoas estudando, com as pessoas procurando melhorar aquilo que já faziam, mas realmente eu não sei, mas eu acredito que não era totalmente obsoleto, morto, a cultura popular daqui, porque eu sei que antes de eu vir pra cá, tinha um prefeito né, que fazia...tava gerindo Nazaré da Mata, chamado Jaime Correia, que ele é bem envolvido (DEPOIMENTO DA ENTREVISTA C).

As mensagens discursivas, obtidas no período da coleta, reafirmam a significância de participarem e porque participarem de algo que lhes fazem tanto sentido, além de prazeroso. Em contrapartida, esses (as) agentes estabelecem em suas vivências, por meio da arte, a ressignificação do que é construir socialmente modo e parâmetros de vida, e posteriormente transmitem para atuais e novas gerações da região.

Deixando nitidamente, por meio de suas falas, depoimentos e relatos de vivência dentre de um coletivo que surgiu na realidade dos (as) integrantes do Movimento Canavial, como meio de proporcionar outro norte as atividades artísticas desenvolvidas na região. Tudo isso mostra a força e gama de alternativas existentes para se readequar ao ofício da cultura popular brasileira, porém neste caso, a pernambucana.

Contudo, há de se acreditar no poder interior de cada ser que compõe este coletivo, como arma propulsora de uma cultura libertadora e motivadora de outras significâncias e possibilidades afins. As análises discursivas demonstram o quanto o senso comum permeia a rotina desses atores sociais inteiramente envolvidos nesta prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos no princípio desta pesquisa, realizar uma análise do impacto do Movimento Canavial no cotidiano de trabalhadores (as) rurais e do corte da cana-de-açúcar, no município de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte de Pernambuco, como desenvolvimento local em suas vidas. É incrível observar que um coletivo que começou a pouco mais de dez anos, embora já existisse há algumas décadas, tenha ganho elevadas proporções na mencionada localidade, no estado e no país.

Inicialmente tivemos a intenção geral objetiva de: pesquisar/analisar os impactos causados no cotidiano dos trabalhadores (as) rurais e do corte da cana de açúcar, do município de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte de Pernambuco. Em seguida, percorremos um caminho que Identificasse as mudanças e apropriações sociais, através do Movimento Canavial sob a perspectiva do desenvolvimento local; Avaliando a percepção dos trabalhadores (as) rurais e do corte da cana de açúcar de Nazaré da Mata acerca do Movimento Canavial e Verificando a dimensão dos resultados pautados pelos trabalhadores (as) rurais e do corte da cana de açúcar no processo de culturas populares por meio desta rede.

A chegada até o Movimento Canavial se deu fase em que fiz parte de assessoria de imprensa, do qual tinha como um de seus clientes o grupo musical “Quinteto Violado”, e na ocasião, a banda se apresentou, no ano de 2014, no Festival Canavial, em Nazaré da Mata. Tomei conhecimento do evento e fui em busca de mais informações sobre a festividade e me deparei com algo muito mais extenso, o Movimento Canavial, ou seja, o Festival apenas era uma ponta do iceberg.

Segundo Afonso Oliveira, um dos principais nomes a frente do Movimento Canavial, as entidades que representam as manifestações culturais da região de Nazaré da Mata, foram as principais norteadoras desta transformação. A partir do registro histórico no município do que já viam praticando como arte e cultura, tais como: Maracatu de Baque Solto (Maracatu Rural), Coco de Roda, Caboclinhos, Ciranda, Cavalo-Marinho, além de outros e do Pontão de Cultura Canavial, agência de projetos localizada na cidade, que serve de sede para escrita de projetos culturais, editais e o andamento em si do Movimento Canavial.

Haja vista, os diversos eventos culturais, seminários, encontros, apresentações e outros segmentos da mesma proporção cultural do qual estão sempre participando. Durante a realização da análise, onde objetivamente procurou-se analisar o discurso fornecido nas entrevistas semiestruturadas, pontuando os aspectos do Movimento Canavial e do

Desenvolvimento Local, constatou-se que houve sim, uma mudança e transformação social, por meio da cultura e da arte, na realidade cotidiana destas pessoas, embora seja esta mudança em proporções não tão elevadas assim, comparando-se com outros setores da sociedade. A partir disto, as considerações sobre cada item mencionado acima, foram analisados e serão apresentados nos próximos parágrafos.

Alguns integrantes do Movimento Canavial, coletivo de grupos e manifestações da cultura popular, nas mais variadas expressões, da Zona da Mata Norte de Pernambuco, participaram do curso de produção cultural “Introdução ao Método de Produção Cultural”, ministrado pelo produtor e ativista cultural, Afonso Oliveira, em meados do início dos anos 2000. Período este em que o mesmo dirigiu seu olhar para esta região, objetivando única e exclusivamente reorganizar a cena cultural dos municípios que compõem a Mata Norte do estado, e em especial, Nazaré da Mata, local desta pesquisa.

Já no primeiro mandato do ex presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), do qual o Ministério da Cultura (Minc) teve como ministro, o cantor e compositor, Gilberto Gil, a cultura brasileira no geral passou a receber uma certa atenção, não antes tida em nenhuma parte do Brasil. Primeiro vieram os projetos voltados a instalação e implantação de Pontos de Cultura em algumas partes do país, e logo em seguida, editais e fomentos, destinados ao financiamento de projetos nas áreas culturais.

Foi aí a oportunidade vista por muitos, sendo direcionada para o que tanto amam e sentem prazer em fazer: viver da cultura. Tarefa muito difícil esta, haja vista a desvalorização que a mesma sempre sofreu na sociedade brasileira. Os investimentos e políticas públicas voltadas ao ofício de produção e execução de trabalhos culturais sempre tiveram poucos recursos e ainda por cima, o que é bem comum em qualquer governo federal, cortes no orçamento da cultura quando há alguma baixa na economia brasileira.

Esses grupos e manifestações culturais antes da gestão do referido político, batiam cabeça na tentativa de receberem um apoio ou patrocínio, seja ele privado ou público. Não que isso tenha mudado, muito pelo contrário, ainda persiste em existir. Porém, terem participado desta capacitação (Introdução ao Método de Produção Cultural), que veio proporcionar o aprendizado da escrita de projetos, onde os (as) mesmos (as) desenvolvem seus pensamentos e ideias para submeterem e conseqüentemente conseguirem ter a submissão aprovada em um edital, garantem assim um valor financeiro em caixa, estabelecendo a certeza de que o brinquedo, grupo ou manifestação cultural manterão seus trabalhos na ativa.

Ao serem questionados sobre o surgimento do Movimento Canavial na Zona da Mata Norte, todos (as) afirmaram categoricamente ter sido de grande valia e ao mesmo tempo um ato de salvação da cultura local na região. Após a escrita e leitura do Manifesto Canavial, que em seguida originou o Movimento, muitos dos brincantes, caboclos, cirandeiros (as), conquistas e outros artistas, passaram a acreditar nos seus potenciais e reuniram forças junto a um coletivo que acabara de nascer na região com o intuito de somar forças para a cultura popular da Mata Norte de Pernambuco.

Muitas parcerias com outros grupos e artistas de renome nacional (Jorge Mautner) começaram a surgir nos anos que se seguiram após a existência do Movimento Canavial. Convites para participarem de eventos em outras cidades do Estado de Pernambuco, assim como outros Estado do Brasil e até fora do país (França e Itália), começou a fazer parte da rotina do coletivo Movimento Canavial. Este coletivo ou método passou a servir de vitrine para uma realidade de artistas que até então não tinham sequer tamanha visibilidade na região.

Produções cinematográficas, gravações de Cds e Dvds, ensaios fotográficas, participação em programas de rádio e Têvê, matérias em jornais e revistas, dentre outros meios de divulgação nas mídias comunicacionais e ampliação do trabalho da cultura popular na Zona da Mata Norte de Pernambuco, tornaram o nome do Movimento Canavial conhecido. O que antes parecia não se tornar público, ganhou dimensões não antes esperada, até mesmo por quem o idealizou.

Ainda referindo a entrevista semiestrutura, quando perguntados sobre o que seriam deles caso o Movimento Canavial não existisse em suas realidades, novamente todos (as) ressaltaram que suas atividades nessas manifestações culturais não teria avanço, ou seja, estaria da mesma forma como antes, sem recursos financeiros suficiente, nem tão pouco políticas públicas culturais adequadas para o mantimento e a manutenção dos brinquedos.

Ao se referirem sobre o Desenvolvimento Local, os resultados falam por si só. As mudanças após adquirirem uma renda extra fora do orçamento familiar, possibilitou a aquisição de alguns bens materiais, assim como a realização de outras benfeitorias no ambiente doméstico. A economia desenvolve-se na região, de forma que o dinheiro obtido por estes (as) integrantes do Movimento Canavial fez-se circular no município de Nazaré da Mata e cidades circunvizinhas da Mata Norte.

Os relatos deixam evidente o quanto um valor em dinheiro, seja ele quanto for, faz uma enorme diferença na realidade destes (as) sujeitos (as) sociais que tanto batalham pela subsistência e sobrevivência diária. O fato de poderem contar com o recebimento de um

cachê, originado de uma apresentação ou oficina de transmissão de seus saberes, já passa a ser uma realidade que antes era sonhada e hoje é posta em prática.

Embora o objetivo da pesquisa não tenha sido trabalhar com gênero propriamente, observou-se que a presença constante das mulheres neste Movimento fez com que o coletivo ganhasse rumos almejados desde o início de sua fundação, haja vista a força, criatividade, comprometimento e espírito de liderança que essas guerreiras da cultura popular pernambucana carregam.

Durante o período de cursar todas as disciplinas obrigatórias e optativas do Programa de mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), foram realizadas muitas idas ao município de Nazaré da Mata. O que possibilitou fazer muitos registros visuais através da observação participativa no referido ambiente escolhido. As muitas idas a localidade permitiu conhecer e adentrar num universo completamente distante, embora tivesse conhecimento de sua existência.

Fazendo um comparativo entre uma década atrás, antes do nascimento do Movimento Canavial, e depois de formação é possível comprovar o funcionamento do Desenvolvimento Local entre esses pares, e de certa forma, até entre os (as) moradores (as) de Nazaré da Mata que não participam de nenhuma atividade artística local. Pois, o crescimento social, intelectual e financeiro, por meio de políticas públicas culturais na Mata Norte, fez a economia solidária circular na própria região. O que de fato só veio a beneficiar o município como um todo.

Contudo, o reconhecimento de que o Movimento Canavial, originado de uma política pública cultural, só veio e continua a agregar valor, é um fato. Entretanto, isso foi apenas o primeiro passo rumos a grandes conquistas que essa gente pode conseguir. Sobreviver da arte no Brasil é uma tarefa árdua e desanimadora, que na sua maioria não oferece perspectiva nenhuma de crescimento e garantia de sua estabilidade, como manutenção e continuação do fazer artístico. Mesmo assim, o Movimento Canavial lançou-se como ideia, plantou a semente do sonho, e neste caso foi um sonho coletivo, e hoje vem colhendo alguns frutos de sua resistência e persistência. Sem esquecer das dificuldades e de um longo percurso ainda pela frente.

Todavia, o talento e a criatividade são marcas bastante expressivas na rotina de vida cultural destes atores sociais de uma realidade onde os (as) mesmos (as) representam e são representados. Sem falar do trabalho coletivo entre esses membros para que as manifestações da cultura popular do município continuassem e continuem a existir. Ou seja, é algo

extremamente natural na realidade destes brincantes estarem fazendo parte de uma manifestação popular (brinquedo), haja vista que o fato de estarem inserido em tal contexto para estas pessoas representa: um lazer, um divertimento e momentos de uma realidade dura e árdua, para quem vive do trabalho no campo ou das usinas e engenhos de cana-de-açúcar das propriedades canavieiras, em regiões da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Por trás do brilho, da magia, da maneira de encantamento nas danças e cantos nos momentos de apresentações, existe um fato desconhecido do grande público. Grande parte dos integrantes trabalha mais de oito horas por dia, vivem de baixos salários e muitas vezes não tem o que comer em casa, restando o pouco que ganham do trabalho nas áreas canavieiras, ter que pagar as contas e suprir o sustento familiar.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. **Desenvolvimento econômico local e distribuição do progresso técnico**: uma resposta às exigências do ajuste estrutural. Fortaleza: BNB, 1998. 151 p.
- ANDRADE, M. C. de. **O homem e a terra no nordeste**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- ANTONIL, A. J. **Cultura e opulência do Brasil**. Salvador: Progresso, 1950. (Coleção Estudos Brasileiros).
- ANTUNES, M. O caminho do empoderamento: articulando as noções de desenvolvimento, pobreza e empoderamento. In: ROMERO, J. O.; ANTUNES, M. (Org.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. p. 91-116.
- ARAGÃO, M. J. **Traços do tempo**: Nazaré igreja no nordeste. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1989.
- ARAÚJO, E. M. **O cavalo-marinho de Catirina, Mateus e Bastião**. Ferreiros: Assis Figueiroa, 2003.
- ARAÚJO, T. P. de; MEDEIROS, A.; PONTES, L. Desenvolvimento local sustentável e geração de renda. In: BAVA, S. C. (Org). **Desenvolvimento local**: geração de emprego e renda. São Paulo: Pólis, 1996. p. 103-128.
- BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social?: uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan./abr. 2012.
- BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BENJAMIN, R. Maracatus rurais de Pernambuco. In: PELLEGRINI FILHO, A. (Org.). **Antologia do folclore brasileiro: século XX**. São Paulo: Edart, 1982.
- BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folguedos e Danças de Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1989.
- BRASIL, Ministério da Cultura. **Programa Nacional de Educação, Cultura e Cidadania**: cultura viva. Brasília, DF, 2004.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude**: documento base. 2008. Disponível em: <<http://bibjuventude.ibict.br/jspui/handle/192/198>>. Acesso em: 23 jul. 2017.
- BUCCI, M. P. D. **Direito administrativo e políticas públicas**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CALABRE, L. Política cultural no Brasil: um histórico. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 1., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2005. 1 CD Room.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, N. G. Definiciones em transición. In: MATO, D. (Org). **Estudios latino-americanos sobre cultura y transformaciones sociales em tempos de globalización**. Buenos Aires: Clascso, 2001.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CAVALCANTI, C. A. M.; CUNHA, F. A. C. da. **Pernambuco afortunado**: da Nova Lusitânia à Nova Economia. Recife: INTG, 2006.

CHAUI, M. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

COELHO, F. D. Desenvolvimento local e construção social: o território como sujeito. In: SILVEIRA, C. M.; REIS, L. C. **Desenvolvimento local**: dinâmicas e estratégias. Rio de Janeiro: RITS/Rede, 2001.

COELHO, F. D. Restruturação econômica, políticas públicas e as novas estratégias de desenvolvimento local. In: BAVA, S. C. (Org.). **Desenvolvimento local**: geração de emprego e renda. São Paulo: Pólis, 1996. p. 45-62.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

EL-DEIR, S. G. **Metodologias inovadoras para o empoderamento social**. Recife: EDUFRPE, 2013.

FERNANDES, N. A. **Cultura e política no Brasil**: contribuição para o debate sobre política cultural. 2006. 175 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

FRANCO, A. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 2. ed. Brasília, DF: Compukromus Editoração e Acessória Gráfica Ltda., 2000.

FREIRE, G. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FURTADO, C. **Análise do modelo brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. – 4. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2005. 600 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, G. Pronunciamento do ministro Gilberto Gil no Fórum de Marketing Abril, 25 out. 2004.

GOHN, M. da G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, SP, v. 13, n. 2, p. 20-31, ago. 2004.

GOVERNO FEDERAL Disponível em: <[http://www.cultura.gov.br/cidadaniaediversidade/programas//asset\\_publisher/rcU9JEoAYanL/content/cultura-viva/](http://www.cultura.gov.br/cidadaniaediversidade/programas//asset_publisher/rcU9JEoAYanL/content/cultura-viva/)>. Acesso em: 7 jul. 2017.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HERRIGER, N. **Empowerment in der sozialenarbeit**. Stuttgart: Eine Einfuhrung, 1997.

HILTON, A. **Nazaré da Mata: a sua história, o seu povo, a sua cultura**. Recife: Libertas, 2016.

JESUS, P. de. Sobre desenvolvimento local e sustentabilidade: algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa. In: PEDROSO, I. V.; MACIEL FILHO, A. R.; ASSUNÇÃO, L. M. de O. **Gestão do desenvolvimento local sustentável**. Recife: Edupe, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 116 p.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA SOBRINHO, A. B. **Problemas econômicos e sociais da lavoura canavieira**. Rio de Janeiro: Ed. Zélio Valverde, 1943.

MEDEIROS, R. B. de. **Maracatu rural: luta de classe ou espetáculo?** Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005.

MELO, M. L. de. **O açúcar e o homem: problemas sociais e econômicos do nordeste canavieiro**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1975.

NASCIMENTO, H. M. do **Capital social e desenvolvimento sustentável no sertão baiano: a experiência de organizações dos pequenos agricultores do Município de Valente**. 2000. 119 f. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento Econômico) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas.

OLIVEIRA, A. **Método canavial: introdução à produção cultural**. Olinda: Editora Associação Reviva, 2010.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2000.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PEDRO CÉLIO. Disponível em: <<http://sefates.com.br/modulopoliticas.doc>>. Acesso em: 7 mar. 2018.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2005.

RABELLO, E. Ciranda. In: MAIOR, M. S.; VALENTE, W. (Org.). **Antologia pernambucana de folclore 1**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1988. p. 53-61.

RAZETO, L. Economia de solidariedade e organização popular. In: GADOTTI, M.; GUTIÉRREZ, F. **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 34-58.

REAL, K. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1990.

REGO, J. L. do. **Fogo morto**. 16. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976. v. 24. (Coleção Sagarana).

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, W. C. **Metodologia científica**, 2007. Disponível em: <[http://sinop.unemat.br/site\\_antigo/prof/foto\\_p\\_downloads/fot\\_8672aula\\_04\\_-\\_william\\_costa\\_-\\_metodologia\\_cientifica\\_pdf.pdf](http://sinop.unemat.br/site_antigo/prof/foto_p_downloads/fot_8672aula_04_-_william_costa_-_metodologia_cientifica_pdf.pdf)>. Acesso em: 4 jun. 2018.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. H.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SILVA, Severino Vicente da. **Festa de Caboclo**. 2 ed. Recife: Associação Reviva, 2012.

SHETTY, S. **Development: projects in assessing empowering**. New Delhi: Society for Participatory Research in Asia, 1992<sup>a</sup>. (OccasionalPaper Series, n. 3).

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

VAINSENER, S. A.; LÓSSIO, R. **A dança do coco**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2005. (Micromonografia do folclore, n. 304).

## APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS TRABALHADORES (AS) RURAIS E DO CORTE DA CANA DE NAZARÉ DA MATA/PE

##### I – IDENTIFICAÇÃO

- Idade:
- Estabelecimento: Área:
- Posse da terra:
- Identificação das pessoas que residem no estabelecimento (grau de parentesco, idade):

##### II – MOVIMENTO CANAVIAL

- Quais os motivos que o motivaram a participar do Movimento Canavial?
- Há quanto tempo participa? Qual manifestação artística participa?
- Sente prazer em participar das atividades do Movimento Canavial?
- Como é a sua rotina no Movimento Canavial?
- Quantos membros da sua família, fora você, participam do Movimento Canavial?
- Você incentiva algum amigo (a) ou parente a participar do Movimento Canavial?
- O que é o Movimento Canavial pra você?

## II – DESENVOLVIMENTO LOCAL

- O que mudou na sua vida após fazer parte do Movimento Canavial?
- Você acredita que essas mudanças aconteceriam se você não fizesse parte do Movimento Canavial?
- Você desempenha outras atividades fora do Movimento Canavial? Quais?
- Você acredita que o Movimento Canavial pode ser um transformador na vida das pessoas?
- Antes do Movimento Canavial existir na sua região, algum produtor cultural ou político, fazia alguma coisa pela cultura popular da cidade?
- O Movimento Canavial trouxe alguma renda extra na sua vida? Essa renda extra faz muita diferença no seu orçamento?
- Com que frequência e como é feito esse pagamento?
- Quais bens materiais adquiriu depois de fazer do Movimento Canavial?

## APÊNDICE B - GLOSSÁRIO

**MARACATU RURAL** – Os maracatus rurais ou de baque solto surgiram no início do século XX, no meio do canavial e constituem grupos folclóricos típicos das zonas canavieiras de Pernambuco. Estes grupos são formados essencialmente por cortadores de cana-de-açúcar da mencionada região. É uma manifestação típica e sobretudo espontânea dos canavieiros. Nazaré da Mata, Carpina, Tracunhaém, Timbaúba, Goiana, Buenos Aires e Igarassu são os municípios onde eles aparecem com mais frequência.

**TRINCHEIRA** – Cerimônia de recepção onde é processado a saída dos grupos.

**LANCEIROS OU CABOCLOS DE LANÇA** – São personagens que usam uma gola (meia túnica) dura, bordada com missangas, vitrilhos e aljofre, sobre camisas de mangas compridas, de cores vivas; sobre a calça de chitão, usam calções bufantes, ornados de franjas; calçam meias e sapatos tênis – talvez no passado usaram alpercatas ou andaram descalços; nas costas, prendem um surrão, com grandes chocalhos à altura dos rins, coberto com lã de carneiro tingida em cores berrantes; na cabeça usam um lenço, sobre o qual colocam um chapéu de palha que serve de base para a armação de um funil de fitas de papel de seda colorido, arrançadas como uma cabeleira; a base do chapéu, logo acima da testa é ornada com flores de papel; escondem os olhos sob óculos escuros, que usam mesmo à noite. Na boca, um cravo branco sempre presente. Nas mãos, portam lanças de madeira de uns dois metros, enfeitadas de fitas de pano. As lanças chamadas também de guias, terminam em pontas agudíssimas, de uns 30 centímetros.

**TUXAUS** – Também conhecidos como Caboclos de Pena, vestem tanga de pena, peitoril bordado de vitrilhos e conduzem na cabeça uma coroa de penas de pavão dispostas de modo bem diverso dos cocares dos caboclinhos recifenses. Na mão, portam uma flecha enfeitada com fitas de pano. Usam também, óculos escuros e cravo branco. São sempre em número bem menor do que os lanceiros, em cada grupo.

**BAIANAS** – Nos grupos tradicionais, são homens. Nas cidades maiores e no Recife, já se vêem mulheres vestidas de baianas nos maracatus rurais, como inovação. Quando homens usam saias bordadas e rendadas sobre calças compridas; em lugar de camisa, usam um timão; na cabeça, um chapéu de palha enfeitado com flores de papel e fitas de pano, que caem lateralmente; as saias, não são tão amplas como as das baianas dos maracatus africanos. Pintam o rosto como os demais elementos do grupo, sem preocupação de maquilagem,

uniformemente, com tinta vermelha; calçam meias e sapatos tênis. São também pouco numerosos, talvez uns quatro por grupos, um dos quais conduz a boneca e, o outro, o estandarte; os demais conduzem buquês de flores de papel. Vale ressaltar que os homens que fazem as baianas são cabras machos, que não fazem qualquer concessão, além do traje para constituição da figura feminina – nenhuma deboche, nenhum trejeito, nenhum deslize – os que usam bigode não raspam para se vestirem de baiana; a assistência nos engenhos, arruados e vilas onde se apresentam, também não diz gracejos nem piadas.

**TIRADOR DE LOAS E ORQUESTRA** – Não usam trajes especiais. A orquestra é composta de um instrumento de sopro (trombone), uma cuíca e da percussão (caixa, surdo e gonguê). Além dos chocalhos dos lanceiros, os folgazões tocam apitos que imitam pássaros.

**CABOCLINHOS** – Também se diz caboclinho, é, ao mesmo tempo, o nome de um tipo de agremiação carnavalesca, nome dos integrantes dessas agremiações e do folguedo por elas realizado.

**CAVALO-MARINHO** – São apresentados entremeios diversos, alguns comuns ao Bumba-meu-boi, terminando pela morte-e-ressurreição do boi. Em meio a estas sequencias, um grupo de agaloados e damas realiza um baile em honra aos Santos Reis do Oriente, dizem loas e dançam a Dança de São Gonçalo dos Arcos. Não há lutas de espadas. O espetáculo é apresentado em arenas, com assistência em torno dos personagens.

**LOAS** – As loas são versos cantados pelos mestres nas apresentações dos maracatus rurais e, sobretudo, nas sambadas, quando se dispõe de mais tempo para criar e desenvolver através da música temas do cotidiano das classes subalternas.

**CIRANDA** – É uma dança de adultos, sendo variante da roda infantil. É uma manifestação original, provavelmente de raízes ibéricas.

**COCO** – Com inúmeras variantes, é uma das danças mais tradicionais do Nordeste.

**CAMBINDAS** – Cambinda, como variante do topônimo Cabinda, região da África acima da foz do rio Congo, hoje integrada a república de Angola, foi denominação gentílica para os negros procedentes daquela localidade, ou ali embarcados nos navios negreiros para o Brasil. Cambinda foi também a denominação adotada por diversos grupos de maracatu de Pernambuco.

**RECIFE**

**2018**